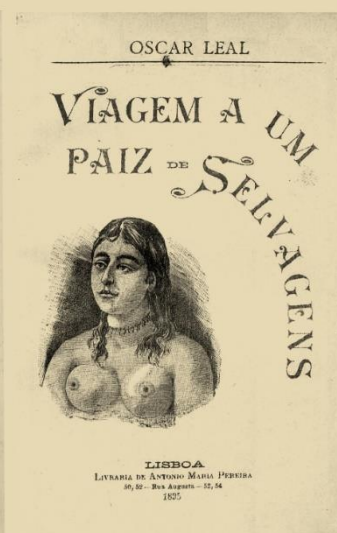
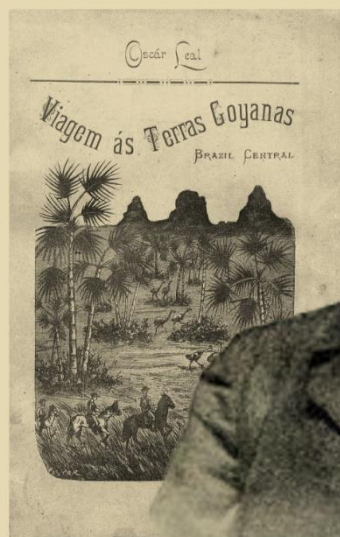
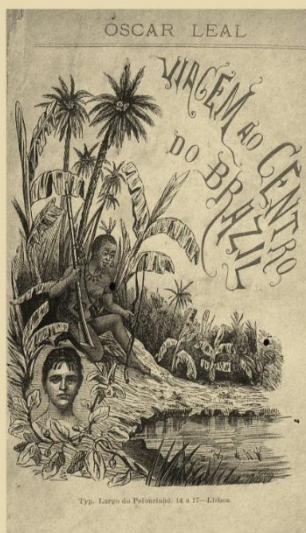




Coleção
Documentos

33

O VIAJANTE SOB O CRIVO DO JORNALISMO:

APRECIÇÕES ACERCA DA
OBRA DE OSCAR LEAL

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



**O VIAJANTE SOB O CRIVO DO
JORNALISMO: APRECIÇÕES
ACERCA DA OBRA DE OSCAR LEAL**





DIRECTORA: MARÍLIA PULQUÉRIO FUTRE PINHEIRO



DIRETORIA

PRESIDENTE – FRANCISCO DAS NEVES ALVES
VICE-PRESIDENTE – PEDRO ALBERTO TÁVORA BRASIL
DIRETOR DE ACERVO – MAURO NICOLA PÓVOAS
1º SECRETÁRIO – LUIZ HENRIQUE TORRES
2º SECRETÁRIO – RONALDO OLIVEIRA GERUNDO
TESOUREIRO – VALDIR BARROCO

Francisco das Neves Alves

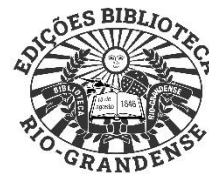
O VIAJANTE SOB O CRIVO DO JORNALISMO: APRECIÇÕES ACERCA DA OBRA DE OSCAR LEAL



- 33 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande
2020

Ficha Técnica

Título: O viajante sob o crivo do jornalismo: apreciações acerca da obra de Oscar Leal

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 33

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: Fotografia de Oscar Leal – Wikimedia Commons, capas/folhas de rosto dos livros *Viagem ao centro do Brasil* (impressões), *Viagem às terras goianas (Brasil central)*, *Contos do meu tempo* e *Viagem a um país de selvagens*.

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Novembro de 2020

ISBN – 978-65-87216-13-3

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018) e à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e cinquenta livros.



Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)
António Ventura (Universidade de Lisboa)
Beatriz Weigert (Universidade de Évora)
Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)
Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos (UNISINOS)
Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Francisco Topa (Universidade do Porto)
Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)
Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)
Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)
João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)
José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)
Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)
Maria Eunice Moreira (PUCRS)
Tania Regina de Luca (UNESP)
Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Virgínia Camilotti (UNIMEP)

O escritor ou jornalista que tem noções de brio e dignidade, não se serve da sua arma mais preciosa, a pena, para fazer crítica acerba e muito menos suja.

Os homens de verdadeiro mérito, os que não necessitam pedir por empréstimo a qualquer os aplausos que lhe dão a sua consciência e a opinião pública, desprezam a esses bandidos da imprensa vil e corrupta.

A crítica que tem por base o despeito, a inveja, o ódio pessoal, é como uma messalina podre e lazarenta de que ninguém faz caso, mas que incute ainda assim quando muito compaixão.

Oscar Leal – *A Madrugada*, 13 fev. 1895

APRESENTAÇÃO

O processo histórico demarcado entre as décadas finais dos Oitocentos e as iniciais dos Novecentos foi marcado por uma considerável predominância da imprensa escrita, como o mais importante meio de comunicação e de difusão de informações e opiniões no seio das sociedades onde se praticava o jornalismo em maior escala. As folhas impressas ganhavam espaço e até certa popularidade, ampliando sua abrangência. Nesse sentido, os registros oriundos dessa época têm nos jornais um testemunho fundamental. Atuando como verdadeiros arquivos do cotidiano, os periódicos constituem uma das fontes mais completas daquele período. Dessa maneira, os jornais aparecem como testemunhas e atores da vida nacional e internacional e como documentos de uma riqueza considerável¹.

O desenvolvimento da imprensa foi paralelo à evolução geral do mundo ocidental, apresentando notáveis diferenças nacionais, mas progredindo de acordo com as condições socioculturais e os avanços técnicos e tecnológicos que serviam ora como freios, ora como mecanismos de propulsão. Ao final do século XIX e início da centúria seguinte, o jornal tornou-se um produto de consumo corrente. Embora o ritmo de seu progresso fosse naturalmente mais variável segundo as nações, a imprensa de cada país adquiriu, em função dos

¹ ALBERT, Pierre & TERROU, Ferdinand. *História da imprensa*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 2.

caráteres nacionais e das circunstâncias históricas, uma fisionomia original praticamente definitiva, com a efetivação dos hábitos de leitura que resistiriam às mudanças e a imagem da imprensa no mundo e as características essenciais tanto das fórmulas do jornalismo como das do mercado da imprensa estavam consolidados. Tal momento, em vários sentidos, foi a verdadeira época de ouro da imprensa, pois seu mercado estava em expansão constante e ela não tinha atingido seu ponto de saturação. Além disso, a imprensa escrita não precisava temer nenhuma concorrência porque era o único meio de informação coletivo².

Ao longo de sua evolução histórica, a mensagem emitida pela imprensa experimentou mutações significativas, em decorrência das transformações tecnológicas que determinam as suas formas de expressão, mas, sobretudo, em função das alterações culturais com que se defrontou e das adaptações por que passou a instituição jornalística em cada país ou em cada universo geocultural³. Apesar dessas diferenças na disseminação das atividades ligadas à comunicação, ela contribui para dar forma aos eventos que registra, constituindo uma força ativa na história ainda mais nos momentos em que a luta pelo poder foi uma luta pelo domínio da opinião pública⁴. O significado da imprensa passou a ser tão fundamental, que ela tornou-se um fator essencial nas interpretações a respeito das mais variadas vivências humanas, nos seus

² ALBERT, Pierre & TERROU, Ferdinand. *História da imprensa*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 29 e 51.

³ MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 32.

⁴ DARNTON, Robert & ROCHE, Daniel. *Revolução impressa (1775-1800)*. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 15.

mais diversos fundamentos, como o político, o econômico, o social, o cultural ou o ideológico.

A imprensa atuou como o mais eficaz meio de difusão de informações e opiniões, exercendo um significativo papel na formação de padrões de consumo, hábitos, formas de agir e pensar, ou seja, naquilo que se convencionou denominar de opinião pública. Assim, é possível promover o estudo da imprensa como uma prática social cujas manifestações têm um alcance indelével junto às comunidades, estudando as profundas inter-relações entre a sociedade e as práticas jornalísticas, buscando analisar o caminho de duas vias constituído pelas influências que a imprensa exerce junto à sociedade, mas também as formas pelas quais esta mesma influencia o comportamento dos jornais. Tal relevância ganhava força ao final do século XIX, quando, na maioria dos países, a imprensa se estabeleceu como uma força social incontestável⁵.

Nesse sentido, há uma direta interação do conteúdo social com a imprensa, uma vez que intenções imediatas, estratégias e táticas dos periódicos precisam estar sempre relacionadas ao contexto nos quais operam, assim como as mensagens que transmitem, de modo que, nas análises dos jornais, tornam-se relevantes questões como – quem diz o quê, para quem, em que canal, com que efeito –, além do que, a conjuntura que demarca as reações dos diferentes grupos de pessoas que consomem as informações/opiniões, é profundamente

⁵ BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 201.

relacionada com a produção do veículo emissor⁶. Dessa forma, a imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social, proporcionando estudos nos quais ela pode atuar como agente da história, permitindo captar o movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas variadas formas de manifestação expressa nas folhas impressas⁷.

Os avanços do periodismo impresso na virada do século XIX ao XX também vão ser sentidos no Brasil, constituindo uma época em que ocorreram alterações específicas e tecnológicas, com as inovações na técnica de impressão e as mudanças no sistema de distribuição, de modo que a imprensa estivesse aparelhada para enfrentar uma nova etapa de expansão⁸. Mesmo que com algum descompasso em relação à imprensa dos países capitalistas mais avançados, o jornalismo brasileiro modernizava-se em uma etapa contínua de superação do modelo artesanal⁹. Esse foi um período de transformações, quando a imprensa conheceu múltiplos processos de inovação tecnológica que

⁶ BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. p. 17.

⁷ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto, EDUSP, 1988. p. 21.

⁸ SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p. 206.

⁹ ROMANCINI, Richard & LAGO, Cláudia. *História do jornalismo no Brasil*. Florianópolis: Insular, 2007.

permitiam progressos como o aumento das tiragens, a melhor qualidade de impressão e o menor custo de impressão¹⁰.

Tais transformações tecnológicas foram capazes de fornecer uma dimensão à concepção temporal e espacial decisivas na conformação de um novo mundo simbólico que emergia naquela época. Nesse sentido, o mundo se torna próximo e visível, aproximando-se gradativamente a percepção de um outro, agora visível e antes apenas imaginado. Além disso, a possibilidade de saber o que se passava no mundo em menos tempo construía paulatinamente uma nova espacialização, na qual o mundo se tornava mais compacto e a temporalidade ganhava nova dimensão¹¹. Somava-se à modernização técnica a ampliação do mercado leitor, pois, apesar do nível de analfabetismo ser alto, a conjuntura socioeconômica fazia com que o número de leitores se ampliasse¹². O enfoque dos jornais também buscava ser transformador, havendo significativo espaço para a contestação, de maneira que aquilo que mais se fazia era precisamente discutir, por em dúvida, analisar e até combater a pretensa sacralidade das instituições¹³.

¹⁰ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 83.

¹¹ BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 22-23.

¹² COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 104-105.

¹³ SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p. 268.

Outra característica do jornalismo dessa época foi uma diversificação em seus padrões editoriais. Os periódicos deixavam de ser essencialmente políticos ou noticiosos, abrindo suas páginas para outros conceitos e conteúdos, mormente no âmbito cultural. Um desses acréscimos deu-se no campo literário, ampliando-se o espaço nos diários e aparecendo inclusive uma imprensa especializada em tal temática, a qual se espalhou pelas províncias, depois estados, brasileiros¹⁴. A inclusão dos assuntos em torno das “letras” foi se dando de forma gradativa, tanto que, desde cedo, muitos diários que estampavam em seus frontispícios dísticos como “órgão político, noticioso e comercial”, foram ampliando sua abordagem com a inclusão de um “literário” na divisa. Outro ponto fundamental da inserção literária foi a publicação dos folhetins que ganharam enorme popularidade e tornaram-se seção recorrente nas páginas impressas. Textos de cunho literário em prosa e verso também ganhavam espaço nobre estampados por vezes na primeira página dos jornais, até tornarem-se presença praticamente permanente. Já o jornalismo especializado nos temas literários, normalmente deixava de lado o debate político e as notícias do dia a dia para concentrar-se exclusivamente em seu norte editorial.

Em meio a essa crescente inserção da literatura nas folhas impressas, uma das práticas mais usuais foi a recepção bibliográfica. Nessa linha, os escritores e editores de publicações literárias costumavam enviar seus

¹⁴ MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de império. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 69-70.; e SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p. 225.

respectivos livros e revistas para a redação de outros jornais, buscando que houvesse algum tipo de divulgação de tais obras, ampliando tanto a possibilidade do consumo, quanto o conhecimento em geral e até mesmo angariando alguma notoriedade para aqueles produtores culturais. A partir de tal prática, tornou-se comum nas pautas editoriais a inclusão de informes a respeito da recepção dessas publicações, os quais poderiam ser uma simples nota demarcando a chegada, ou ainda uma apreciação/crítica menos ou mais profunda quanto ao conteúdo do material escrito.

Surgia assim mais uma oportunidade de atuação para os homens de letras, tanto jornalistas quanto literatos, papéis que à época ainda se confundiam bastante entre si, ao redigirem os textos vinculados à recepção de produções de natureza literária. Aparecia o espaço para as notificações, comentários e até interpretações dos escritos alheios, com a ação de um corpo de intérpretes profissionais, ou seja, profissionalmente determinados a encontrar sentido e necessidade, à custa de um trabalho de interpretação ou de superinterpretação, os quais se viam inscritos no próprio campo literário e, a partir daí, na intenção criadora dos produtores. Dessa maneira, em muitos casos, as obras passavam a também depender desse tipo de divulgação/apreciação/crítica para buscar angariar algum sucesso, ocorrendo uma espécie de filtro entre o mundo social e o que se produzia no campo literário. Tal recepção também se desenvolvia em meio a um processo de inter-relações entre o produtor da obra e o receptor que, de certo modo, mediava a interlocução entre aquele e o consumidor final, ou seja, o leitor. Nessa perspectiva havia uma

reapropriação de toda a história do campo de produção, com a presença não só de produtores e consumidores, mas também a do analista¹⁵.

Ao ingressar na experiência individual do crítico, a literatura se vê cada vez mais atualizada pela sua leitura, como modo de acesso ou de discernimento da obra. Nessa linha, nem isolada nem puntiforme, já que uma obra se relaciona como outras muitas, tanto horizontalmente, em um dado momento, quanto verticalmente na ordem da sucessão temporal, a experiência individual torna-se também social, porque se acha sob condições culturais e históricas determinadas. Dessa maneira, o acesso obtido, com seu respectivo discernimento, constitui a continuação de uma trilha de prévio conhecimento ainda não fundamentado, envolvendo um contexto cultural não menos atuante do que o legado dos precedentes históricos. Surgem então múltiplas leituras que podem significar mais de uma via de acesso à mesma obra, com seus modos próprios de discernimento, pondo em ação variada gama de métodos analíticos e de procedimentos explicativos ou compreensivos¹⁶.

Oscar Leal (1862-1910) foi um escritor cuja ação intelectual gravitou entre Brasil e Portugal, convivendo largamente com os denominados homens de letras de ambos os países. Sua especialidade era a literatura de viagem, dedicando boa parte de sua vida às excursões e de sua obra à narrativa de tais itinerários. Mas também voltou-se a outros campos da criação literária,

¹⁵ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 280 e 335-337.

¹⁶ NUNES, Benedito. *A chave do poético: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 44-45.

redigindo contos, crônicas e poemas, bem como colaborou com diversos jornais e foi editor de vários periódicos, a maioria deles voltados à difusão cultural e literária. Leal tinha um projeto bem demarcado de buscar um amplo reconhecimento como intelectual e para tanto trabalhou arduamente. A atitude de divulgar os livros de sua lavra e os periódicos que editava era levada profundamente a sério com o sistemático envio de exemplares para os mais distantes lugares. Tal prática era possível também graças às suas inter-relações científicas, acadêmicas e culturais, que eram consideráveis, tendo em vista que pertencia a várias sociedades dessa natureza; assim como as jornalísticas, com a intimidade que desenvolveu com diversos redatores de periódicos. Finalmente o fato de ter visitado uma variada gama de lugares na Europa, na América do Sul e na África, além de ter atravessado o Brasil praticamente de norte a sul, também ampliavam sua rede de interfaces, contribuindo com a conquista da notoriedade.

A exemplo de outros escritores, mas com ênfase ainda maior, um dos locais preferidos de Oscar Leal para o envio dos livros e revistas que redigia eram as redações dos jornais, esperando com afincado a divulgação de seus trabalhos. O autor tinha tanto afincado para com tais apreciações que não só as colecionava, como chegava a divulgá-las em folhetos, livretos, páginas dos jornais que dirigia ou até mesmo como uma espécie de anexo em livros que publicou. A presença de seu nome na recepção apresentada nas folhas impressas significavam não só uma divulgação para suas obras, mas mais uma forma de granjear prestígio e reconhecimento no meio intelectual. Leal reagia

bem às apreciações positivas ou até mesmo às simplesmente informativas, entretanto, tinha grandes dificuldades em assimilar as críticas menos ou mais acentuadas.

Em relação às avaliações negativas de suas obras, Oscar Leal, por diversas vezes fez referência à presença de um “egoísmo literário”, que ele só teria conseguido observar no Brasil, “onde pretenciosos rapazolas, arvorados em críticos anônimos, formigam covarde e traiçoeiramente, tentando destruir a obra dos que trabalham e se tornam úteis ao seu país”. Segundo o autor, “o crítico bibliográfico quando vê que a obra é sem valor e destituída de interesse, depois de ler atira-a para um lado, dando o tempo que consumiu com a leitura como perdido”, mas “convicto de que ainda mais tempo perderia se a fosse criticar”. Considerava que nesse caso a crítica poderia servir até como um “poderoso reclame e o proveito será do autor, porque há muito quem deseje provar da água desta fonte para se convencer se é boa ou má”. Na concepção de Leal, “o escritor ou jornalista que tem noções de brio e dignidade, não se serve da sua arma mais preciosa, a pena, para fazer crítica acerba e muito menos suja”, uma vez que, “os homens de verdadeiro mérito, os que não necessitam pedir por empréstimo a qualquer os aplausos que lhe dão a sua consciência e a opinião pública”, não levavam em conta os “bandidos da imprensa vil e corrupta”. Além disso, apontava que “a crítica que tem por base o despeito, a inveja, o ódio pessoal, é como uma messalina podre e lazarenta de que ninguém faz caso, mas que incute ainda assim quando muito compaixão”¹⁷.

¹⁷ LEAL, Oscar. Questões literárias. In: *A Madrugada*. Lisboa, 13 fev. 1895, a. 2, série 1, n. 4, p. 1-2.

O escritor ainda fazia ilações sobre os críticos que, por vezes, sob a “máscara do anonimato, usam de mau vazo, encontrando qualquer produção daqueles que se esforçam e que estudam”, para “ridicularizar de um modo banal como lhes dita a estupidez da sua mente obcecada”¹⁸. Para Leal, “um dos obstáculos mais poderosos que se opõe ao desenvolvimento de qualquer literatura é a falta de verdadeiros críticos”, apontado para o desserviço que os mesmos faziam em relação à juventude que estava a introduzir-se no mundo das letras e que via sua iniciativa aniquilado por um desses propalados falsos críticos. Nessa linha, se referia à prática do envio de exemplares para as redações dos periódicos, dizendo que em tais circunstâncias, a “amabilidade da oferta” deveria ser correspondida “com um elogio merecido ou com uma referência animadora, em vez de críticas acerbadas e más” que levariam ao “desalento a tantos jovens inteligentes que talvez mais adiante posam dar glória à pátria, embora infelizes nos primeiros ensaios”. Perante tal situação, o escritor aconselhava a tais jovens a “tenacidade quando acossados pela crítica violenta, porque é nesta ocasião que melhor se evidenciam as suas qualidades de espírito e de caráter”¹⁹.

Ainda que os comentários fossem em termos genéricos, Oscar Leal reagia às críticas recebidas por ele mesmo, ficando manifesta sua insatisfação que deixava transparecer. O tema foi ainda lembrado, reiterado e repetido no livro *Do Tejo a Paris*, em que dizia que “o egoísmo literário” era desconhecido em

¹⁸ LEAL, Oscar. Literatura brasileira. In: *A Madrugada*. Lisboa, 4 ago. 1895, a. 2, série 2, p. 1.

¹⁹ LEAL, Oscar. Crítica literária. In: *A Madrugada*. Lisboa, dez. 1895, a. 2, série 3, p. 1.

Portugal, não sucedendo “o mesmo que no norte do Brasil, onde os críticos anônimos formigam covarde e traiçoeiramente, tentando destruir a obra dos que trabalham e se tornam úteis ao seu país”²⁰. Tal percepção ficava evidenciada também no último livro que escreveu sobre suas viagens ao Brasil, no qual não deixou de acusar a existência de uma “crítica mesquinha e cruel, que no Brasil é uma arma egoística manejada quase sempre pelos pretenciosos e invejosos de todo o gênero”. Segundo ele, por essa razão “os livros escasseiam ao passo que as traduções de obras estrangeiras se contam aos milhares”. O escritor, lembrando outro literato, considerava que “o sistema de deprimir é muito brasileiro”, país onde “os críticos irrompem como cogumelos e o pobre do autor que sacrificou anos e anos de sua vida em estudar, em *criar o que não existia*, é vilipendiado coberto de apodos”²¹.

Este livro, realizado no âmbito do Estágio Pós-Doutoral elaborado junto à Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras (Assis), Programa de Pós-Graduação em Letras, sob a supervisão do Prof. Dr. Alvaro Santos Simões Junior visa a abordar a recepção da obra de Oscar Leal junto à imprensa brasileira e portuguesa. A estratégia de enviar suas produções intelectuais para jornais de várias partes do Brasil fez efeito, tanto que houve referência aos seus trabalhos em periódicos de quase todas as unidades

²⁰ LEAL, Oscar. *Do Tejo à Paris*. Lisboa: Tipografia Minerva Central, 1894. p. 19.

²¹ LEAL, Oscar. *Viagem a um país de selvagens*. Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, 1895. p. 12-13.

administrativas brasileiras²². O estudo realiza um levantamento dos informes e comentários acerca da obra (produção bibliográfica e edição de revistas literárias) de Oscar Leal registrados na imprensa brasileira, a partir dos títulos pertencentes à hemeroteca digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; bem como de compilações acerca das repercussões de dois de seus livros junto ao periodismo português. Da nota mais simples à crítica mais rebuscada, tais fragmentos constituem pontos essenciais para a configuração de um mosaico que reflete o conjunto de reações a respeito da obra do autor em pauta.

²² A respeito do jornalismo nas províncias / nos estados brasileiros, ver: MATTOS, José Veríssimo de. A imprensa. In: LIVRO DO CENTENÁRIO (1500-1900). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900, v. 1, seção 4, p. 31-71.

ÍNDICE

A imprensa brasileira e a recepção elogiosa e/ou protocolar.....	27
A crítica estrutural, formal, satírica ou de oposição no jornalismo brasileiro...	73
Compilações de repercussões no periodismo português.....	125
As publicações periódicas dirigidas por Oscar Leal noticiadas pelos jornais brasileiros.....	149

**A IMPRENSA BRASILEIRA E A
RECEPÇÃO ELOGIOSA E/OU
PROTOCOLAR**

A maior parte da recepção bibliográfica publicada nos jornais brasileiros acerca dos livros de Oscar Leal tenderam para o elogioso ou o protocolar. As apreciações de caráter encomiástico advinham ou da qualidade encontrada nas obras do escritor ou da excelência do projeto desenvolvido por Leal, ao manter boas relações com os redatores dos periódicos e com os homens de letras dos lugares que visitou ou com os quais se correspondeu, redundando em parte daí o tom laudatório de algumas das avaliações. Os livros de Oscar Leal assim recebidos foram: *Viagem ao centro do Brasil* (1886), *Viagem a terras goianas* (1892), *Contos do meu tempo* (1893), *O Amazonas* (1894), *Viagem a um país de selvagens* (1895), *Brasileiros ilustres* (1895), *O Parteiro* (1896), *Um marinheiro do século XV* (1898), *Zélia (amores de uma brasileira)* (1898), *O Manoel de Soiza* (1898) e *Através da Europa e da África* (1901). Tais avaliações foram redigidos por jornais de menor ou maior expressão, de variadas regiões brasileiras e de gêneros variados, como noticiosos, políticos, mercantis, caricatos e literários.

Foram poucos os artigos e notas que teceram comentários positivos a respeito da produção intelectual de Oscar Leal, em que houve a identificação da autoria, entre os quais estiveram José Monjardim, político, advogado e jornalista espírito-santense, que escreveu "Pantheon Literário – O livro de Oscar Leal (*Viagens às terras goianas*)" para o *Comércio do Espírito Santo*; Jaime de Sá, jornalista pernambucano, que redigiu em duas partes "Contos do meu tempo de O. Leal" para o *Diário de Pernambuco*, e Manoel Arão, escritor, jornalista, dramaturgo e poeta pernambucano, que fez parte do rol de colaboradores de A

Madrugada, periódico ilustrado editado por Leal em Lisboa, que escreveu "Crônica" para o *Diário de Pernambuco*.

Já outros jornais optaram por uma recepção mais formal e informativa, apenas cumprindo o protocolo de acusar o recebimento e, em geral, registrando breves notas sobre o livro, com uma descrição muitas vezes superficial da obra. Tais reações vinham plenamente ao encontro do projeto de Leal no sentido de difundir o seu nome, pois, se houvesse o elogio, a vantagem era em dobro, mas, se acontecesse apenas a pontual e descritiva divulgação, já servia, pois ele estava identificado nas páginas impressas que atingiam considerável número de leitores, bem como circulavam entre as plêiades dos homens de letras das diversas regiões do país, colaborando decisivamente com o reconhecimento intelectual do autor.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

O Sr. Oscar Leal, escritor português, atualmente em excursão pelas províncias de nosso país, está publicando em Lisboa um livro de sensação com o título: *Viagem ao centro do Brasil*.

GUTENBERG. Maceió, 28 set. 1886, a. 5, n. 118, p. 2.

#####

Debaixo do título – *Viagem ao centro do Brasil* – diz o *Diário Ilustrado* de Lisboa que um interessante livro vai ser publicado pelo Sr. Oscar Leal, inteligente moço brasileiro que se acha de passagem em Lisboa.

Perigos e venturas de viagem ao sertão americano, episódios dramáticos e peripécias cômicas, tudo isso constitui o assunto do livro do Sr. Oscar Leal, escrito com um bom humor juvenil que zomba dos cansaços da viagem, e dos acidentes de uma travessia terrestre não inferior a 718 léguas.

JORNAL DO AMAZONAS. Manaus, 30 set. 1886, a. 12, n. 1.278, p. 3.

#####

JORNAIS, LIVROS E PANFLETOS

(...)

De Lisboa recebemos também um livro de Oscar Leal com o título:

“Viagem ao centro do Brasil”.

É um trabalho que compendia impressões de viagem do moço brasileiro que não há muito foi nosso hóspede.

O livro contém boas notícias das remotas paragens de Goiás e algumas observações que revelam certa habilidade do seu autor para trabalhos ligeiros, inteiramente despidos de análise.

O estilo é mais ou menos fluente.

Ao moço escritor, que atualmente reside em Lisboa, confessamo-nos penhorados pela delicadeza da remessa de um exemplar do seu livro.

A PROVÍNCIA DO ESPÍRITO SANTO. Vitória, 5 out. 1886, a. 5, n. 1.195, p. 2.

#####

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

O Sr. Oscar Leal ofereceu-nos um volume da sua *Viagem ao centro do Brasil*. É um elegante livro, impresso em Lisboa e ornado de um retrato do autor.

A SEMANA. Rio de Janeiro, 13 nov. 1886, a. 2, v. 2, n. 98, p. 367.

#####

VIAGEM AO CENTRO DO BRASIL

Temos em nosso escritório um volume daquela obra impressa em Lisboa, escrita pelo Sr. Doutor Oscar Leal, cujo retrato se vê na segunda página.

Na 3ª página destacasse um prólogo do eminente escritor Lopes Carqueijo.

OÁSIS, Corumbá, 12 jun. 1891, a. 4, n. 173, p. 3.

#####

CIRUGIÃO-DENTISTA

Acha-se entre nós, vindo no pacote, o distinto cavalheiro Sr. Oscar Leal, habilíssimo cirurgião-dentista que por algum tempo esteve residindo na cidade de Corumbá, onde teve ocasião de exhibir os delicados trabalhos de sua arte, colhendo os melhores atestados que, reunidos a outros que já possuía de outras cidades que tem percorrido nos diversos estados do Brasil, bem justificam a grande nomeada que merecidamente goza o ilustre cavalheiro de quem tratamos e que temos o prazer de apresentar à nossa sociedade, recomendando-o, como merece, a estima e consideração do público cuiabano, a quem oferece os seus serviços que são na realidade de grande utilidade, se atendermos principalmente a que a nossa sociedade se ressentia da falta de um operador dentista de confiança.

O Sr. Oscar Leal é também literato e poeta realista.

Autor da *Viagem ao centro do Brasil*; das *Flores de abril* e da *Filha do miserável*, o Sr. Oscar não é um nome desconhecido.

O opúsculo que nos foi cavalheirosamente oferecido e que temos à vista – *Viagem ao centro do Brasil* –, dá mostra do seu másculo talento e da sua provada dedicação à literatura.

Traz cento e sessenta e cinco páginas nitidamente impressas e com algumas estampas.

Não o lemos ainda com atenção de modo a podermos fazer a crítica da obra, mas a – *Viagem ao centro do Brasil* –, cujo título atrai desde logo a atenção ao primeiro golpe de vista, muito recomenda o autor.

Agradecendo a oferta do Sr. Oscar Leal, cumprimos o grato dever de, ainda uma vez recomendá-lo à sociedade cuiabana, o que fazemos com muito prazer.

O MATO GROSSO. Cuiabá, 19 jul. 1891, a. 13, n. 654, p. 1.

#####

LIVRO

O Sr. Oscar Leal vai imprimir em Lisboa um livro intitulado *Viagem às terras goianas*, cujas gravuras já foram executadas em Buenos Aires, por um notável artista.

Esse livro será um grande repositório de informações e estudos sobre a fauna e a flora brasileira.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 22 mar. 1892, a. 38, n. 10.647, p. 1.

#####

VIAGEM ÀS TERRAS GOIANAS POR OSCAR LEAL

Deixa-nos com a imaginação cheia de sonhos fantásticos só ao pegarmos no livro. O caminho dos Pirineus goianos, que em gravura serve-lhe de capa, com palmeiras espalhadas, com grandes aves que correm ao passar dos cavaleiros, tendo, ao fundo, os três Pirineus fechando o quadro, arrasta e envolve a nossa fantasia, enchendo-nos de curiosidade.

Lemos com prazer o seu livro, Sr. Oscar Leal; e gostamos tanto de ver com que graça faz saltar a verdade em flagrante sem pretender fazer estilo, que não descansaremos senão depois de lhe termos quebrado os ossos num abraço, meu caro senhor. Os costumes locais, os quadros rápidos que descreve, deixa-nos sentir o prazer deste alarido que tem as florestas, desta bulha das grandes cachoeiras gargalhando...

Lê-se de princípio ao fim este livro sem cansar e ao chegar-se ao fim, tem-se pena de não ser maior.

Cumprimentando o autor, agradecemos o exemplar que nos enviou, pedindo a Deus ou ao Diabo, que não lhe dê descanso enquanto não escrever outro.

O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, 10 out. 1892, a. 18, n. 553, p. 7.

#####

(...)

A sua primeira página é composta pelo retrato em (...) de Oscar Leal, o autor da *Viagem às terras goianas* e as duas seguintes exclusivamente com juízos externados acerca da mesma obra pela imprensa portuguesa e por diversos literatos.

Oscar Leal tem sido alvo em Portugal da maior consideração e amabilidade portuguesa; e a Sociedade Geográfica de Madri, por seu presidente general Quijano y. Arroquia, foi convidado a tomar parte nos trabalhos do Congresso Geográfico Hispano-Português-Americano, em homenagem ao seu mérito literário.

Os juízos a que aludimos, engrandecem a *Viagem às terras goianas*, que é uma obra de 275 páginas, em 8ª grande, ornada de várias gravuras, desenhos do autor e seguida de uma carta do sul de Goiás; e na qual são representados usos e costumes do sertão, paisagens tropicais e incidentes, uns cômicos, outros dramáticos.

Sobre a referida obra, diz Diogo Soromenho:

“A leitura da *Viagem às terras goianas*, do conhecido escritor Oscar Leal, deixou-nos agradavelmente surpreendidos por nos dar a conhecer regiões para nós completamente desconhecidas do Brasil central.

Hoje os livros de viagens tem a primazia em todas as bibliotecas, é sempre agradável ver que um escritor da plana de Oscar Leal se dedica a esse assunto. É livro que deve ter grande aceitação, especialmente no Brasil. a edição é nítida e acompanhada de graciosos desenhos do autor.

Abre o livro com chave de ouro um primoroso prólogo de Pinheiro Chagas.”

O *Diário Popular*, de Lisboa, concluiu sua apreciação dizendo que o livro do Sr. Leal é um excelente serviço prestado ao Brasil e em geral às ciências geográficas.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 13 out. 1892, a. 68, n. 232, p. 2.

#####

VIAGEM ÀS TERRAS GOIANAS

Este é o título de uma brochura que nos remeteu o Sr. Oscar Leal.

Gratos pela fineza.

Em outra edição emitiremos juízo sobre o novo livro.

ESTADO DE GOIÁS. Goiás, 27 out. 1892, a. 2, n. 70, p. 1.

#####

VIAGEM ÀS TERRAS GOIANAS

É este o título de um livro de 275 páginas com o qual mimoseou-nos o nosso simpático amigo Oscar Leal, do qual já tivemos ocasião de falar na notícia que demos sobre o recebimento da *Revista Bibliográfica*.

Oscar Leal, ao qual somos imensamente gratos pelo modo porque tem sempre distinguido a personalidade do redator desta folha, depois que aqui esteve, procurando se expandir no seu espírito investigador, internou-se, com uma trepidez admirável, pelos ínvios sertões brasileiros, não só estudando usos e costumes, como procurando conhecer de *visu* essas riquezas que formam o orgulho do povo sul-americano. Daí o seu livro *Ao centro do Brasil*, daí a sua recente obra *Viagem às terras goianas*.

Só uma natureza retemperada no cadinho das inclemências e nas lutas da vida pode resistir aos constantes assaltos das contrariedades que se antolham ao caminheiro que, como Oscar Leal, ao transpor emaranhados bosques e alcantiladas cordilheiras, ora em assomo de cólera enfrenta o tigre faminto que o quer tragar, ora delicia-se com o canto da *araponga* e com os *ererés* dos lagos, aves estas que abundam em nossos sertões e das quais, revele-nos o amigo o reparo, não falou.

Lendo com toda a atenção a *Viagem às terras goianas* ficamos agradavelmente impressionados e admirando não só a coragem como o talento de seu autor, ao qual, além dos laços de simpatia e amizade, prendeu-nos ainda o laço fraternal pelas ideias republicanas que de momento a momento surgem como flores auríferas no seu mimoso livro.

De princípio a fim o livro de Oscar Leal prende a atenção do leitor.

O ilustrado e bem conhecido literato português, Sr. Pinheiro Chagas, na apreciação que fez sobre a *Viagem às terras goianas*, expressou-se do seguinte modo:

“Viajante despretensioso, o Sr. Oscar Leal não aspira a pintar grandes telas, esgotar uma palheta de estilista na prodigalidade das cores. Conta simplesmente o que vê, dia a dia, o modo como o receberam, as alegrias e os contratempos de sua existência excursionista, e ao mesmo tempo vai descrevendo as belezas naturais, consignando as suas observações acerca do caráter dos habitantes, não esquecendo as tradições históricas, dando-nos, enfim, uma multidão de fatos e de notas que satisfazem a nossa curiosidade e estimulam ao mesmo tempo o nosso apetite, de conhecermos ainda mais largamente esse interior do Brasil que ainda está tanto por desbravar”.

Transcrevendo estas linhas do notável escritor português, nada mais podemos acrescentar à nossa humilde e obscura apreciação senão que sentimos ter o referido livro somente 275 páginas.

A Oscar Leal, pois, um fraterno amplexo.

CACHOEIRANO. Cachoeiro do Itapemirim, 13 nov. 1892, a. 15, n. 45, p. 1.

#####

VIAGENS ÀS TERRAS GOIANAS

O simpático e ilustrado escritor Oscar Leal enviou à redação deste jornal o seu interessante e apreciadíssimo livro intitulado *Viagens às terras goianas*, magnífico e repleto de impressões que agradam ao espírito mais indiferente às belezas da natureza grandiosa.

Vamos lê-lo e oportunamente publicaremos a respeito do livro nosso humílimo juízo, para contentar os desejos do seu distinto autor.

COMÉRCIO DO ESPÍRITO SANTO. Vitória, 22 nov. 1892, a. 2, n. 685, p. 1.

#####

PANTHEON LITERÁRIO – O livro de Oscar Leal (*Viagens às terras goianas*)

Cumprimos hoje, embora tarde, a promessa de escrever algumas linhas sobre o interessante livro do empreendedor Oscar Leal, digno certamente de elogios pela sua coragem, perseverança e força de vontade.,

O seu livro intitulado *Viagem às terras goianas*, senão é um monumento construído com a arquitetura linda da literatura moderna, todavia como o escritor confessa, obedece em todos os traços a intenção do escritor, ser singelo com todas as descrições do seu gênero.

O estilo preferido por Oscar Leal também é simples, mas nem por isto a leitura do livro torna-se fastidiosa.

Clara, como é, a descrição das incomparáveis belezas dos sertões virgens de Goiás, pode ser compreendida por todas as classes de leitores; e, singela imprime realmente o traço, a fotografia escrita, (se nos permitem comparar) da natureza opulenta das terras brasileiras situadas nas fronteiras do oeste.

É um livro que pode e deve figurar nas estantes de literatura; e os *touristes* devem recorrer a ele como um subsídio ou um roteiro, apesar de incompleto, assim como os estudantes do nosso país recorrem a ensaios novos para preparar a sua grande obra.

Mas um título que não se pode nem deve-se negar a Oscar Leal é o de ter prestado ao nosso país, à pátria brasileira, um serviço importantíssimo, tornando-se um patriota recomendável, porque fez conhecidas terras riquíssimas do interior do Brasil e a si já se recomendou arriscando uma viagem que tem desanimado a organizações físicas de homens robustos e temerários.

Eis o que tínhamos a dizer sobre o seu livro, voltando a última página e olhando para a carta topográfica de Goiás, a qual é ainda um trabalho interessante e prova do esforço e inteligência de Oscar Leal.

Com a devida vênia do eminente literato da velha Lusitânia, o grande e glorioso mestre Pinheiro Chagas, não somos os primeiros, mas que importa? Não seremos os últimos a felicitar a Oscar Leal.

J. M.

COMÉRCIO DO ESPÍRITO SANTO. Vitória, 29 jan. 1893, a. 3, n. 751, p. 1.

#####

Sobre nossa mesa de trabalho temos um volume: – *Viagem às terras goianas*.

É um apreciável livro, bem feito e bem impresso, do ilustrado escritor Oscar Leal, autor de várias, e boas, obras.

Agradecidos.

A REPÚBLICA. Natal, 4 fev. 1893, a. 5, n. 203, p. 2.

#####

NOTÍCIAS LITERÁRIAS – CONTOS DO MEU TEMPO

Já entrou para o prelo mais um livro assim intitulado da lavra do conhecido escritor Dr. Oscar Leal.

O autor dos *Contos do meu tempo* tem escrito já diversas obras entre as quais os *Contos a vapor* e as *Viagens às terras goianas*.

Creemos que a nova obra compor-se-á de diversos pedaços em prosa e verso, pois que o Oscar Leal é também poeta.

Aguardamos, pois, ansiosos, a publicação de mais essa produção do talentoso moço.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 6 jul. 1893, a. 69, n. 150, p. 3.

#####

CONTOS DO MEU TEMPO

O Sr. Dr. Oscar Leal mandou publicar em um volume, que se comporá de mais de 200 páginas, todos os seus contos, muitos dos quais já os nossos leitores conhecem, pois foram publicados nestes *Jornal*.

Desse volume já estão prontos os quatro primeiros fascículos, que se acham nitidamente impressos em fino papel.

Ao Dr. Oscar Leal somos gratos pelos exemplares, que teve a gentileza de oferecer-nos.

JORNAL DO RECIFE. Recife, 18 ago. 1893, a. 36, n. 186, p. 2.

#####

CONTOS DO MEU TEMPO

O Sr. Dr. Oscar Leal, já conhecido entre nós por diversas produções literárias publicadas nos jornais, acaba de dar à estampa, bem impresso na tipografia do Sr. José Nogueira de Souza, um volume de 208 páginas, em 8º francês, sob o título *Contos do meu tempo*.

Em três partes dividiu o Sr. Dr. Oscar o seu livro, e tais partes se intitulam: 1ª *Contos*, 2ª *Flores de maio* e 3ª *Excursões*.

Na primeira compendiou o autor diversas historietas interessantes, algumas das quais prendem a atenção. Na segunda parte, reuniu ele diversas poesias, que nenhum encanto têm. E na terceira refere diversas excursões feitas pelo interior do Brasil, e o fez com certa *verve*, que agrada.

Do questionado livro, que rapidamente examinamos, ficaram-nos boas impressões da 1ª e 3ª partes. Nelas, sem revelar-se embora um estilista, sem pretensões a romancista, o Sr. Dr. Oscar Leal mostra-se um *conteur* muito estimável, pois diz com espírito o que quer referir, e por vezes cativa inteiramente o leitor.

Mas a segunda parte do livro – a parte poética – essa nada diz ou antes se alguma coisa revela é que o Sr. Dr. Oscar Leal não nasceu para poeta. Os seus versos são deficientes sob todos os pontos de vista. Falta-lhes a inspiração; a rima frequentes vezes é pobre; as imagens pálidas; a metrificação coxa. Não, não são versos no bom sentido do termo.

Limite-se o Sr. Dr. Oscar Leal a ser um *conteur* e estará no seu papel. Abandone a poesia; e há de dar-se bem com isto.

O livro, entretanto, merece ser lido, e não destoa dos créditos conquistados pelo autor em Portugal, onde publicou outras obras literárias.

Agradecemos ao Sr. Dr. Oscar Leal o mimo que nos fez de um exemplar do seu livro

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 10 nov. 1893, a. 69, n. 256, p. 2.

#####

OSCAR LEAL – CONTOS DO MEU TEMPO

Um belo volume de duzentas e tantas páginas ilustrado com gravuras de Pastor.

Esta obra é dividida em três partes, sendo uma em verso. Primeira – contos. Segunda – Flores de maio. Terceira – Excursões.

A terceira parte compõe-se das seguintes produções. – Uma noite no quilombo – Um passeio aos Campos do Jordão – De Cuiabá ao Livramento – Na Serra de S. Jerônimo – Entre mortos e feridos.

À venda nas principais livrarias o pequeno número de exemplares do segundo milheiro que ficou em Pernambuco.

Aviso – Segundo a opinião da *Província* esta obra representa uma audácia literária.

JORNAL DO RECIFE. Recife, 23 nov. 1893, a. 36, n. 267, p. 2.; DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 21 nov. 1893, a. 69, n. 265, p. 4.

#####

PUBLICAÇÕES A PEDIDO – *CONTOS DO MEU TEMPO* DE O. LEAL

A propósito dos *Contos do meu tempo* temos visto as mais desconstruídas opiniões na imprensa pernambucana sobre o mérito da obra, o que nos obriga a vir dar a nossa mão e dizer o que sentimos também.

O que sempre pude perceber é que na nossa terra nunca se diz mal de um indivíduo, senão por despeito ou coisa que o valha, e quando ele goza de certa importância. Quase sempre os difamadores vestem-se de hábitos anônimos para melhor exercerem o seu papel mesquinho e próprio dos covardes. Estes indivíduos são puras nulidades e tentam apenas ferir os que lhes causa inveja pelos seus dotes físicos e morais.

São raros os homens de letras no Brasil que se animam a publicar os seus trabalhos. Em primeiro lugar embargam-lhe os passos a modéstia e o medo; em segundo, o receio e o temor da crítica invejosa, que entre nós é uma arma manejada egoisticamente pelos pretenciosos e invejosos de todo o gênero. Por este motivo é que os livros nacionais escasseiam, ao passo que as traduções de obras estrangeiras se constam aos milhares.

Já uma ocasião disse o Dr. Moreira Pinto: “O sistema de deprimir é muito brasileiro. Os críticos irrompem como cogumelos e o pobre do autor que sacrificou anos e anos de sua vida em estudar, em criar o que não existia é vilipendiado, coberto de apodos.

O autor dos *Contos do meu tempo* é um moço distintíssimo que, apesar de possuir boa fortuna, desenvolve uma faina infatigável, sempre ativo e

trabalhador. Os seus escritos têm sido publicados nas principais folhas de Lisboa e Rio de Janeiro, onde notáveis homens de letras como Pinheiro Chagas, Lopes Carqueija, Bordalo Pinheiro, Latino Coelho, Magalhães Lima e muitos outros os têm elogiado.

Chegado aqui, a imprensa recebeu-o de braços abertos e antes de sua chegada, muito antes, ela por mais de uma vez se referia com louvores acerca das suas publicações. Sendo-lhe oferecidas as colunas do *Jornal do Recife*, como de outras folhas, publicou alguns contos, sendo que o último, denominado "Amor e medo", considerado o melhor, foi justamente o que mais inveja despertou. De forma que não sabemos se o autor dos *Contos* quis ausentando de dar assim uma prova final do seu talento ou se a inveja pode atuar no espírito de alguém, a ponto de lhe serem vedadas as colunas do *Jornal*. o que é certo é que tal folha desde então só faz transcrições. Os literatos da terra foram riscados.

Nos *Contos do meu tempo*, alguns anteriormente publicados na *Gazeta da Tarde*, *Folha Nova*, *Popular*, *Antessala* e outras folhas de Rio e Lisboa foram novamente transcritos por folhas de outros estados. Tem pois ele valor literário ou não?

Demais eu querer-me parecer que quando outro motivo não existisse, o autor dos *Contos* tem direito à gratidão dos pernambucanos, pelo fato patriótico de tornar conhecida uma parte da nossa bela capital, fazendo-a gravar e estampar na sua obra, que melhor vai ser lida e apreciada fora daqui, como veremos. Mas nisto ninguém cogita.

O autor dos *Contos* tem um nome nas letras pátrias, é um homem de mérito e isto deve estar na consciência de seus próprios caluniadores, alguns dos quais talvez lhe devem bons cobrinhos...

Ainda há pouco tempo lhe foi oferecido um lugar na diplomacia, que não aceitou, e muitas são as provas que o distinguem, que não precisamos citar porque são conhecidas.

Posso facilmente afirmar que ele já aqui foi bastante invejado e que em tudo isto a causa (...).

O autor dos *Contos* não tem praticado aqui um só ato que o desdoure e se alguém julga o contrário é porque até conhece o grande coração desse homem, que prefere sofrer injustamente as consequências da mentira e das falsas notícias, a entrar em exaltações, que nobilitariam ainda mais seu nome, mas abalariam também profundamente a sociedade. Conhecendo-o perfeitamente, posso garantir no entanto que ainda ele pode vir a ser bem estimado daqueles que o maltratam, porque ignoram como se dão os fatos. O tempo o dirá, porque nunca alimentou intenções que não fossem nobres e boas, que nem os ardis publicados puderam conseguir fazer tomar outro rumo, para deixar fluir desejos perversos que não triunfaram

O que aí fica vai com vista aos anônimos colaboradores da *Gazeta da Tarde* e também aos manhoso pachola da *Província* que como outros muitos um dia tiveram necessidade dos serviços de sua profissão, procurando-o, dando-lhe a preferência como está sucedendo.

Agora vejamos que conclusões se pode tirar destas notícias:

“... sem pretensões a romancista, o Sr. Dr. Leal mostra-se um *conteur* muito estimável, pois diz com espírito o que quer referir e por vezes cativa inteiramente o leitor. O livro... merece ser lido e não destoa dos créditos conquistados pelo autor em Portugal, onde publicou outras obras literárias.” (Quanto aos versos diz que não são versos no bom sentido do termo)...

Do Diário de Pernambuco.

“... Compreende esta obra contos, versos e excursões que revelam muita habilidade no apuro, incontestavelmente inteligente.”

Do Comércio de Pernambuco.

“... Sendo um pouco agradável a leitura dos *Contos*, o mesmo não podemos dizer dos versos que são defeituosos.

... nenhum outro merecimento tem senão revelar em seu autor uma audácia desmedida.”

Qual a conclusão a tirar daqui?

Que o livro pode ser lido, digo como leitor imparcial.

E até outra vez.

Jaime de Sá

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 1º dez. 1893, a. 69, n. 274, p. 3.

#####

PUBLICAÇÕES A PEDIDO – *CONTOS DO MEU TEMPO* DE O. LEAL II

A propósito das produções literárias do autor dos *Contos do meu tempo*, encontra-se na *Luta*, folha portuguesa, a seguinte apreciação do eminente jornalista Azevedo Ramos – *Os contos* de Oscar Leal “são escritos à *la diable*, símile de ruidosa palestra de café entre boêmios, na mutação de impressões palpitantes, onde o bom humor se acotovela com o cintilar das ideias e a gargalhada explui sonora e franca evidenciando saúde e vigor.

... Enfim, o autor, pela feição de seu caráter, pela sua atividade e pelo profundo amor ao estudo, honra ao seu país”.

Não entendem assim os colaboradores anônimos da *Gazeta da Tarde*, um dos quais se não quis, melhor provou o seu despeito, porque além de se ocupar no n.º. 260 daquela folha de “Notas literárias”, com o manifesto fim de atassalhar os que trabalham de frente descoberta, mostra a prevenção de que está possuído, que não diz que já era mau o juízo que antecipadamente fazia do autor pela leitura da *Viagem às terras goianas*.

E não se lembra o malicioso que essa obra foi bem recebida por toda a imprensa pernambucana, e que ele é agora tardiamente o único a encontrar que dizer? A imprensa brasileira recebeu-a unanimemente com agrado e basta ver se o que acerca dessa obra diz Pinheiro Chagas no prefácio, assim como as folhas de Lisboa, onde os estranhos gozam de mais estima, porque são repelidos

sempre aqueles que, não possuindo merecimento, desejam elevar-se tentando deprimir os que o tem de sobra.

A Folha do Povo, Diário Popular, Universal, Repórter, Antônio Maria, Correio da Noite, Diário do Comércio, Século, Diário Ilustrado, etc., todos lhe tecem elogios, reconhecendo em O. Leal as qualidades que distinguem um escritor.

A Gazeta do Recife, que elogiou essa obra antes do autor aqui chegar a estabelecer o seu consultório, transcreveu em seu número de 23 de agosto do ano passado honrosa notícia de uma folha de Lisboa, fazendo depois referências encomiásticas ao autor.

Quando Oscar Leal, representando o Brasil, orou ao lado do túmulo de Elias Garcia e perante oito mil pessoas em 24 de abril de 1893, a imprensa lisboeta festejou-o mais uma vez e viu-se retratado em cinco jornais ilustrados dali.

A Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, depois da conferência que lá realizou, cobriu-o de palmas e elegeu-o incontinentemente seu membro correspondente, como sucedeu com a de Lisboa.

Entre outros assuntos, Oscar Leal deixava o auditório impressionado, provando que o Velho Mundo é a América e não a Europa, que o Tocantins nunca foi tributário do Amazonas, nem Marajó uma ilha, mas sim um grande arquipélago que conta duas mil ilhas!

O Congresso Geográfico de Madri, por seu presidente, o general Arroquia, convidou-o a tomar parte nos trabalhos do Congresso, que o premiou com uma distinção honrosa.

Finalmente, só os invejosos anônimos desta terra é que entendem tentar amesquinhá-lo no conceito público.

Em tudo isto diviso um “dente de coelho”, e bom seria que o autor dos *Contos do meu tempo*, antes de partir para a Europa publicasse o *Parteiro*, onde, em estilo realista, vão ser postas à luz da evidência, verdades nuas e desde já podemos garantir que o sucesso vai ser completo.

Oscar Leal não está só, ficai certos.

Ele tem defensores e amigos... Nada há como dar tempo ao tempo.

Os despeitados e os anônimos ocupam-se, por motivos ocultos, daqueles que têm merecimento e honradez e olvidam-se que esses riem hoje das audácias praticadas por quem nada tem que perder. As coisas mudam quando menos se espera.

E os anônimos que encontram acolhimento continuem cá e lá a mudar de pseudônimo porque só terão o desprezo dos que se distinguem e da gente sensata.

Reproduzo as transcrições que se seguem por ter-se ontem dado casual omissão de palavras e agradeço ao autor dos *Contos do meu tempo*, o favor que

fez de ceder-me suas coleções jornalísticas, desculpando-me não satisfazê-lo no que desejava. Vejamos que conclusões se pode tirar destas notícias:

... sem pretensões a romancista o Sr. Dr. Leal mostra-se um *conteur* muito estimável, pois diz com espírito o que quer referir e por vezes cativa inteiramente o leitor. O livro... merece ser lido e não destoa dos créditos conquistados pelo autor em Portugal, onde publicou outras obras literárias. (Quanto aos versos diz que não são versos no bom sentido do termo).

Do Diário de Pernambuco.

“... Sendo um pouco agradável a leitura dos contos, o mesmo não podemos dizer dos versos que são defeituosos.”

Da Gazeta da Tarde.

“... Compreende esta obra contos, versos e excursões que revelam muita habilidade no autor incontestavelmente inteligente.”

Do Comércio de Pernambuco.

“... nenhum outro merecimento tem senão revelar em seu autor sua audácia desmedida.”

Da Província.

Qual a conclusão a tirar? Que o livro deve ser lido.

Agora os Titos que esperem se ver retratados na reprodução dos seus folhetins e até outra vida.

1º de dezembro de 1893.

Jaime de Sá.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 2 dez. 1893, a. 69, n. 275, p. 3.

#####

CRÔNICA

Estive quase disposto a não escrever esta crônica para hoje. (...)

Estava em semelhante disposição de espírito quando fez-me a honra de uma amável visita o meu amigo e vizinho da direita (...) que travou animadíssima conversação comigo.

A sua primeira revelação causou-me espanto: disse-me que havia resolvido fazer-se literato. (...)

Em vista disso, travou-se a conversação sobre assuntos literários, com grande gáudio meu, cumpre confessá-lo. (...)

Sobre os *Contos do meu tempo* de Oscar Leal achou ele exagerada a opinião de alguns críticos.

Se o Oscar não é poeta, disse-me ele, não se conclui daí, vai ter nenhum valor a sua obra.

O Oscar é um *conteur* agradável, sabe prender nesse gênero a atenção do leitor.

A última parte de sua obra, denominada *Excursões* está neste último caso.
(...)

Manoel Arão

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 6 dez. 1893, a. 69, n. 278, p. 2-3.

#####

OSCAR LEAL

Recebemos um lindo livro de contos do conhecido literato Oscar Leal.

Agradecemos a oferta, prometendo dar um juízo crítico sobre o livro, por pessoa competente.

A REPÚBLICA. Curitiba, 27 dez. 1893, a. 8, n. 277, p. 2.

#####

LIVRO

Do Dr. Oscar Leal, conhecido literato, diretor da revista ilustrada *A Madrugada*, que se publica em Lisboa, recebemos um folheto contendo a sua conferência sobre o Amazonas, realizada em 9 de novembro de 1894, na Sociedade de Geografia de Lisboa, e grande número de apontamentos gramaticais sobre a linguagem dos cocamas.

Agradecemos.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Belém, 6 fev. 1895, a. 16, n. 29, p. 2.

#####

Recebemos a *Viagem a um país de selvagens*, décima quarta publicação do Sr. Oscar Leal, que, como se vê, não é nenhum estreante. O país de selvagens em que viajou é o Brasil, mais rigorosamente o Pará e, no Pará, o Rio Tocantins.

Indubitavelmente o leitor, refletido e cordado, escreve o autor, não irá à primeira vista crer que tivesse em mente, ao adotar o título desta obra, deprimir a importância das localidades onde a civilização hoje predomina, etc.

Seus intuitos são outros: “não tenho outra pretensão mais do que mostrar ao leitor que, viajando todos os dias, todas as horas, todos os minutos são para mim aproveitados sob risonha concepção – a reunião do útil ao agradável”.

O autor chegou a Belém em agosto de 1886, e logo no mês seguinte embarcou para o Tocantins; esteve em diversos pontos do Rio: Cametá, Baião, Mocajuba, etc. não contente com isto, investiu pela região encachoeirada e chegou até... nem nos diz, nem ficamos sabendo. À página 105 afirma que a foz do Araguaia devia ficar a pequena distância. Mas é impossível: a viagem de descida que o Dr. Paul (...), que a fez, diz que não se animaria a repeti-la. Será mais fácil a subida, com dois ou três companheiros, logo em seguida devia ter afrontado perigos maiores ainda.

O autor, perdendo, como diz, um caderno de notas, naturalmente não soube distinguir bem o que lera do que (...). Intrinsecamente, de seu livro ressalta a conclusão de que não passou de Alcobaça, no baixo Tocantins, termo da via férrea que, contornando a região encachoeirada, dera lugar os Estados do Pará e Goiás.

Na região encachoeirada, encontrou-se com índios apinajés, de cuja língua nos dá um glossário, pequeno sem dúvida, mas feito com cuidado e mais abundante que o de Castelnau, embora muito menos que o de Martius.

O que ele diz sobre os apinajés é pouco, mas o suficiente para o leitor não saber onde (...) com a cabeça; é uma mistura de português, de tupi, de apinajé, a história romântica de uma menina amada entre índios e filha de pessoa respeitável de Goiás, o casamento (?) com esta índia, cenas de ciúme, um inferno.

Quanto aos costumes dos índios, pouco diz, aplicando talvez a este caso o que alhures escreve: “como de costume nestes trabalhos, usando do meu estilo ligeiro, não me é dado embrenhar-me por cantos e recantos em busca de dados, a fim de expor aqui uma descrição completa e nem mesmo ultrapassar as próprias forças”.

O livro é ilustrado de desenhos e reflexões originais. Para exemplo, basta a seguinte: “A anemia é uma das doenças mais comuns naquelas paragens, devida a sua aparição sem dúvida aos meios nos quais se desenvolve.” (p. 79).

Outra para terminar: “Assim o homem do futuro será sem dúvida um ser superior, desde que, como o dos nossos dias, não tenha que alimentar diariamente o seu organismo para a manutenção da vida, causa atual de muitos vícios e de muitos crimes que se praticam na Terra (p. 160).

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 26 abr. 1895, a. 21, n. 116, p. 2.

#####

JUÍZO CRÍTICO

Foi-nos enviado um folheto contendo o juízo crítico da imprensa portuguesa sobre a *Viagem a um país de selvagens*, obra ultimamente publicada pelo nosso patricio Oscar Leal.

Os diferentes juízos que honram a obra de Oscar Leal são colecionados por Lopes Carqueja.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 1º maio 1895, a. 71, n. 98, p. 3.

#####

IMPRENSA

(...)

Viagem a um país de selvagens é o título de uma obra publicada pelo Sr. Oscar Leal e que recebemos ultimamente de Lisboa, acompanhada de um juízo crítico da imprensa portuguesa, por A. Lopes Carqueja.

Ao contrário do que habitualmente sucede com obras desta natureza, em que os escritores procuram armar ao efeito, deixando de lado a verdade, o Sr. Oscar Leal descreve sem exagerações os usos e costumes das localidades que percorreu, bem como os episódios de suas viagens empreendidas pelo Tocantins.

O livro está escrito em linguagem fluente e é ornado de gravuras do artista Pastor, segundo desenhos do autor.

É um trabalho que se lê com satisfação.

JORNAL DO COMÉRCIO. Rio de Janeiro, 9 maio 1895, a. , n. 118a, p. 2.

#####

UM LIVRO

O Dr. Oscar Leal, moço muito conhecido neste estado e que bons artigos editou nesta folha, há tempos, enviou-nos de Lisboa, onde se acha atualmente, o seu último livro *Viagem a um país de selvagens*.

Como o título indica é uma narração de episódios de viagem, que fez o ilustre literato é, apraz-nos dizer, que ela é feita com muito talento, prendendo a atenção do leitor suas interessantes narrativas.

Agradecendo a oferta, prometemos para breve a transcrição de um dos belos capítulos da *Viagem* do Dr. Oscar.

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. Vitória, 15 maio 1895, a. 14, n. 3.884, p. 2.

#####

PUBLICAÇÕES

Recebemos os seguintes livros e folhetos:

- *Viagem a um país de selvagens* e *Do Tejo a Paris*, duas obras do Sr. Oscar Leal, sobre as quais breve emitiremos o nosso juízo. (...)

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 11 jun. 1895, a. 41, n. 11.587, p. 1.

#####

BRASILEIROS ILUSTRES

Pelo distinto literato brasileiro Oscar Leal, redator da *Madrugada*, que se publica em Lisboa, nos foi gentilmente enviado um volume, o primeiro de uma série que pretende publicar, sob o título – *Brasileiros ilustres*.

O que temos à vista, escrito em linguagem brilhante e bela, ocupa-se do nosso ilustre patricio cômego Ulisses de Pennafort, um dos mais gloriosos espíritos do norte do Brasil.

Agradecidos.

A REPÚBLICA. Curitiba, 29 set. 1895, a. 10, n. 227, p. 1.

#####

O Sr. Dr. Oscar Leal, um dos mais férteis escritores brasileiros, acaba de publicar um novo livro de sua lavra, intitulado *Viagem a um país de selvagens*.

É um volume de cerca de duzentas e cinquenta páginas, nitidamente impresso em Lisboa, ornado com o retrato do autor e ilustrado com várias gravuras feitas de acordo com os desenhos deste.

Em frase amena e estilo despretensioso, nele narra o Dr. Oscar Leal uma excursão que em fins de 1886 e começo do ano seguinte teve ocasião de realizar no Rio Tocantins, que remontou até perto da confluência do Araguaia, visitando as povoações ribeirinhas desde a cidade de Cametá, a mais importante povoação daquele rio, até uma tribo dos índios apinajés, entre os quais permaneceu alguns dias estudando os seus usos, tradições, linguagem, etc.

Úteis e curiosas informações deparam-se nesse livro, a nosso ver um dos melhores que tem produzido a pena do infatigável escritor e denodado viajante,

não sendo das de somenos importância um pequeno vocabulário apinajé, que encerra a obra cuja notícia damos.

Enviamos ao Sr. Dr. Oscar Leal sinceras felicitações pelo seu recente trabalho, e o concitamos a que continue a dar-nos outras provas do seu talento e do seu amor às letras.

O REPUBLICANO. Cuiabá, 15 nov. 1895, a. 1, n. 1, p. 2.

#####

O PARTEIRO

Pelo ilustre escritor brasileiro Sr. Oscar Leal, nos foi oferecido um exemplar de *O Parteiro*, novela naturalista que acaba de ser publicada em Lisboa.

Nada diremos sobre o mérito literário do novo trabalho do nosso distinto compatriota, o incansável e operoso vulgarizador das grandezas do seu país na Europa, mas podemos adiantar aos nossos leitores que, apesar da rápida leitura que fizemos, ficou-nos a deliciosa lembrança de termos lido um livro bom.

Agradecidos.

GUTENBERG. Maceió, 7 out. 1896, a. 15, n. 222, p. 1.

#####

O PARTEIRO

É o título de um novo trabalho literário do Dr. Oscar Leal, distinto e inteligente brasileiro, residente em Lisboa, onde se acha à frente do magnífico periódico *A Madrugada*, que tão bons serviços tem prestado à pátria brasileira.

O *Parteiro* que parece ser a reprodução romantizada de fatos ocorridos em Pernambuco, é uma novela pequena, mas digna de ler-se.

Oscar Leal, que já tem um nome firmado no mundo das letras, acaba, com a publicação do *Parteiro*, de patentear mais uma vez a pujança laboriosa de sua bela pena de escritor.

REPÚBLICA. Florianópolis, 8 out. 1896, a. 7, n. 211, p. 2.

#####

O PARTEIRO

Tal é o título de uma novela naturalista recém-publicada em Lisboa, pelo nosso ilustre compatriota Dr. Oscar Leal, que na terra portuguesa também redige o brilhante quinzenário *A Madrugada*, já tão conhecida do nosso público.

O ESTADO DE MINAS. Ouro Preto, 14 out. 1896, a. 7, n. 479, p. 2.

#####

O PARTEIRO

Recebemos e agradecemos um exemplar desse romance, uma das obras-primas devidas à pena brilhante de Oscar Leal, autor de 16 outros volumes de prosa e verso, irrepreensíveis.

A novela que temos sobre a mesa é da escola naturalística; prende a atenção do leitor da primeira à última página, desenvolvendo um enredo muito curioso, sem *ficelle*, em um estilo fluente, correto e despretensioso.

A história passa-se no Recife; e os tipos descritos, as cenas em que eles se movem, tudo no romance é natural, atraente, revelando um talento raro de observação e um raro senso de forma, que no ilustre escritor português é um segredo de mimo.

A UNIÃO. Paraíba, 4 nov. 1896, a. 4, n. 941, p. 1.

#####

O PARTEIRO

Oscar Leal é um trabalhador infatigável.

Não há muito tivemos ocasião de tratar nestas colunas do seu livro *Viagem a um país de selvagens*; anunciamos agora com agrado o recebimento da sua nova produção – *O Parteiro*, novela naturalista, impressa nas oficinas da Empresa Literária de Lisboa.

O volume, que conta com 159 páginas, divide-se em XIII capítulos.

O primeiro ocupa-se do Estado de Pernambuco, nomeadamente do Recife, sua capital, do qual faz ligeira descrição topográfica.

O segundo e seguintes são consagrados ao assunto que constitui propriamente a novela, que é escrita em estilo claro e desenvolvida com felicidade.

Há descrições vigorosas apanhadas com observação.

O Parteiro é, em resumo, um livro que merece ser lido por todo aquele que, sem preocupação de escola, deseja acompanhar o movimento literário do nosso país.

O REPUBLICANO. Cuiabá, 3 dez. 1896, a. 2, n. 111, p. 2.

#####

LIVRO NOVO

Os Srs. Oscar Leal e Ciríaco de Nóbrega enviaram-nos de Portugal, um exemplar do romance histórico *Um marinheiro do século XV*, que acabam de publicar, como homenagem à descoberta do novo caminho para a Índia, na celebração do seu quarto centenário próximo a realizar-se.

De um só fôlego lemos as duzentas páginas dessa tocante novela, que se desenvolve com simplicidade e sem esforço, desde o pequeno casebre situado

na poética Ericeira, até a soberba capital do Samorim, Calicute, famosa pelas suas riquezas e comércio.

O enredo da obra é de uma encantadora singeleza, e entre os personagens que põe em jogo destaca-se a bela figura de Pedro Rainho, sequioso de aventuras e valente até a temeridade, como genuíno marinheiro português que era, daquele século tão cheio de glórias para a Lusitânia.

São também dignos de nota pela simpatia que despertam os tipos de Joana Rainho, a mãe do herói da novela e do prior Aleixo de Brittes, seu protetor.

Terminando esta despretensiosa notícia, daqui enviamos aos ilustres escritores, que tão brilhantemente acabam de honrar a mãe-pátria, nas letras e nos gloriosos fatos da sua história, um sincero e grato aperto de mão, pelos agradáveis momentos que gentil e espontaneamente nos proporcionaram com a oferta do seu agradável romance histórico.

A REPÚBLICA. Curitiba, 12 mar. 1898, a. 13, n. 103, p. 1.

#####

NOTÍCIAS VÁRIAS

Sob esta epígrafe, publica o *Século*, o seguinte, em sua edição de 7 de março último:

“Está bastante adiantada a impressão do romance *Zélia* novo trabalho literário do distinto escritor brasileiro Sr. Oscar Leal e cuja edição pertence ao acreditado livreiro Antônio Maria Pereira.

Também o Sr. Oscar Leal tem muito adiantada a impressão do *Marinheiro do século XV* (importante trabalho para o centenário da Índia), feito de colaboração com o Sr. Cyriaco de Nóbrega, nosso ilustre colega do *Diário de Notícias* do Funchal.

O *Marinheiro do século XV* é um romance histórico, cujo valor podemos apreciar pela leitura das primeiras folhas que tivemos o prazer de receber.

Ainda o Sr. Oscar Leal, que, como já temos dito, está na Madeira descansando da sua longa viagem à África ocidental, acaba de concluir mais dois volumes os quais se intitulam *Contos e rufos* e *Viagem através da Europa e da África*.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 14 abr. 1898, a. 74, n. 90, p. 3.

#####

REVISTA DIÁRIA – Um marinheiro do século XV

Tal é o título da nova obra que o nosso talentoso e infatigável compatriota Oscar Leal acaba de publicar em colaboração com o operoso jornalista português Cyriaco de Nóbrega, do *Diário de Notícias* de Funchal.

Um marinheiro do século XV é um romance histórico com que os seus autores concorrem para celebrar o grande feito histórico da descoberta do caminho marítimo para a Índia, constituindo assim “a singela e resumida história desse enormíssimo cometimento cujos fecundos resultados chegaram a ser quase anulados pela insofrida ambição e feroz egoísmo daqueles que, após a descoberta e conquista, que haviam custado tantos trabalhos e sacrifícios, cobriram, como sinistras aves de rapina sobre as opulentas e belas terras orientais, atraídos pelo ouro, fascinados pelas riquezas que ali jazeram durante séculos, ignorados dos europeus”.

Somente esta circunstância seria em si suficiente para dar a nota de valor à obra a que presidiu um alto espírito de amor à terra portuguesa, no largo intuito de concorrer para o maior brilhantismo da comemoração daquele grandioso acontecimento que encheu Portugal de justa glória e desvanecimento.

Para honra dos autores, porém, não está somente aí o valor da obra, porque, ao lado da parte propriamente histórica, obrigada à cingir-se à verdade das tradições conservadas – a parte romântica, em que a imaginação pode desprender-se desses elos, está feita de maneira a constituir um atestado eloquente das qualidades de romancistas que ornaram as penas experimentadas dos dois autores do livro.

É assim que a ação desenvolve-se naturalmente, sem situações forçadas, seduzindo o espírito do leitor já pelo interesse da narração e já pelo apuro da forma.

Um marinheiro do século XV é, pois, um livro que merece ser lido e apreciado, uma vez que, ao lado de sua parte histórica, constitui um trecho interessantíssimo de literatura amena.

A Oscar Leal e Cyriaco de Nóbrega, as nossas felicitações e agradecimentos pelo exemplar do livro que nos remeteram.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 26 abr. 1898, a. 74, n. 91, p. 2.

#####

REVISTA DIÁRIA – Zélia

Há poucos dias tivemos de noticiar um livro de Oscar Leal – *Um marinheiro do século XV* – e já um novo livro do nosso operoso e infatigável compatriota nos chega às mãos – *Zélia (amores de uma brasileira)*, editado pela conhecida e popularíssima casa de Antônio Maria Pereira.

Zélia é a refusão de um antiquíssimo trabalho de Oscar Leal, escrito aos 17 anos, ainda quando aluno de um colégio de Nova Friburgo e publicado depois no rodapé de alguns jornais brasileiros sob o título de *Filha do miserável*.

Inútil é, pois, dizer que a obra que aparece é inteiramente nova, na sua forma literária, como era natural sucedesse vindo agora novamente à luz depois de ter (...) as letras com uma boa dúzia de livros.

Como muito bem notam os editores, *Zélia* é uma prova eloquente da maleabilidade do talento do autor, o mesmo autor das *Viagens às terras goianas*, por exemplo, em gênero completamente diverso.

Zélia é um trabalho cuja leitura muito deleita pelo colorido do estilo e muito edifica pela sensata lição de moral que constitui a base em que gira a ação do romance.

Acreditamos, pois, que a aceitação que mereceu, justamente quando publicado no rodapé do *Diário de Notícias*, de Funchal, agora que está publicado em volume, se ajeita com sobejas razões.

Ao nosso talentoso compatriota agradecemos a oferta do exemplar de *Zélia*, desejando que continue a escrever como até aqui, com o mesmo infatigável afinco.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 30 abr. 1898, a. 74, n. 95, p. 2-3.

#####

ZÉLIA, POR OSCAR LEAL

O distinto escritor brasileiro Oscar Leal teve a amabilidade de nos oferecer este seu novo livro, que mais uma vez afirma o seu alto mérito literário.

Tinha o autor deste livro 17 anos de idade e era aluno de um colégio em Nova Friburgo, Estado do Rio de Janeiro, quando escreveu o romance *Filha do miserável*, poucos anos depois publicado no rodapé de alguns jornais brasileiros.

Pensou mais tarde em reeditá-lo, mas extraviados os originais que eram mais completos, restavam-lhe apenas cópias impressas, repletas de omissões, das quais pode afinal servir-se para a refundição e ampliação desse trabalho, que, sob o título sugestivo *Amores de uma brasileira*, foi há pouco publicado em folhetins no *Diário de Notícias* (Funchal) e que agora aparece em volume trazendo no frontispício o nome da protagonista como principal título.

Apesar de tratar-se da história de uma mulher de costumes fáceis, o título não pecava por mal adequado, visto ter o autor modificado o seu trabalho longe do lugar e do país onde se desenrola a ação. Relata-nos ele a história de uma mulher livre, como poderia ou poderá relatar-nos a história de uma mulher virtuosa, de costumes ilibados e como as há também lá e em toda a parte.

A presente obra, tanto pela sua contextura, como pelo colorido das descrições, deve agradar a muitos leitores, principalmente aos senhores moralistas, porque na verdade encerra uma sublime lição de moral.

REVISTA MODERNA. Rio de Janeiro, jul. 1898, a. 2, n. 22, p. 4.

#####

OFERTA

Oscar Leal, o talentoso literato que na imprensa pernambucana publicou boas produções e que atualmente acha-se em Lisboa, ofereceu-nos um lindo folheto bem impresso e intitulado – *O Manoel de Soiza*.

A obrinha é digna de leitura e muito recomendamos-la ao nosso público.

Agradecidos.

ORBE. Maceió, 28 set. 1898, a. 20, n. 81, p. 1.

#####

NOVO LIVRO

Com prazer acabamos de acolher um exemplar da obra intitulada *Através da Europa e da África*, de Oscar Leal, editada pela Livraria de Tavares Cardoso & Irmão, em Lisboa.

Interessantes e utilíssimas informações acerca de Madeira, Cabo Verde, Guiné, Angola, S. Tomé e Príncipe, Congo, Mônaco, Coliseu, Veneza, Vesúvio, Pompéia, Londres, Paris, Madri e em muitas cidades de Portugal, fornece ao geógrafo e ao historiador universal por intermédio dela, o seu operoso e ilustrado autor.

É uma obra que, de princípio a fim, saboreia-se com interesse e prazer, reconhecendo no seu autor o mérito do mais proveitoso e ameno escritor da atualidade.

Grato pelo exemplar que nos foi remetido, felicitamos Oscar Leal por mais este sucesso dos seus vastos conhecimentos literários, justamente reconhecidos no mundo culto, pelas obras que tem publicado.

O INDUSTRIAL. Cametá, 13 mar. 1902, a. 8, n. 255, p. 2.

**A CRÍTICA ESTRUTURAL, FORMAL,
SATÍRICA OU DE OPOSIÇÃO NO
JORNALISMO BRASILEIRO**

A recepção às obras de Oscar Leal junto ao periodismo brasileiro também se direcionou para um olhar crítico menos ou mais brando. Tais avaliações negativas prendiam-se ao todo do livro ou a aspectos pontuais, envolvendo falta de qualidade em questões estruturais e/ou formais; críticas estas que, por vezes, traziam uma carga de jocosidade, sagacidade e/ou sarcasmo, compreendendo uma óptica satírica. Finalmente a crítica ainda trouxe um caráter oposicionista em relação às proposições do autor. Os títulos de Leal que passaram por esse crivo foram: *Flores de abril* (1884), *Viagem ao centro do Brasil* (1886), *Viagem às terras goianas* (1892), *Contos do meu tempo* (1893), *Do Tejo a Paris* (1894), *Viagem a um país de selvagens* (1895), *O Parteiro* (1896), e *Através da Europa e da África* (1901).

Um dos primeiros livros de Oscar Leal, *Flores de abril*, recebeu uma crítica mais tênue da redação do *Correio Paulistano*, utilizando-se da ironia para avaliar os poemas do autor, sugerindo a falta de qualidade ao apreciar seus versos com uma breve amostragem de algo que chegou a ter dificuldade em classificar como estrofes. Já a humorística *Revista Ilustrada*, por meio de Thomé Jr., um pseudônimo, não chegou a dizer que *Viagem ao centro do Brasil* era desinteressante, mas colocou-o em ampla desvantagem ao compará-lo com *Viagem ao centro da terra*, de Júlio Verne, uma das fontes de inspiração do próprio Oscar Leal. Sob o título “*De omni re...*”, em alusão à pretensão de um comentário diversificado, outro codinome, Felix, o Infeliz escrevia para a folha mineira *O Farol* uma densa crítica para o livro *Viagem ao centro do Brasil*, e, revelando certo conhecimento do conjunto da obra do autor, discordava até do

prefaciador Lopes Carqueija, referindo-se a incorreções gramaticais e inconveniência em episódios relatados, argumentando ainda que as impressões de viagem constituíam um gênero de trabalho literário que exigiam conhecimentos especiais, os quais, segundo o crítico, Leal não possuía, confessando não ter conseguido chegar ao final do volume e, além disso, foi um dos primeiros a sugerir que autor permanecesse na odontologia e deixasse de lado a literatura.

Um dos maiores críticos da obra de Oscar Leal foi Antônio Salles, que também assinou com o pseudônimo Ibrahim, funcionário público, escritor, jornalista e poeta cearense. Ele escreveu três artigos em sequência intitulados “Notas para todos – dois livros” para o jornal *A República*, de Fortaleza, nos quais dissecava segmentos dos livros *Viagens às terras goianas* e *Contos do meu tempo*, estabelecendo uma avaliação profundamente negativa que ia do pontual ao estrutural, demarcando que não tivera paciência ou espaço no jornal para lançar seu olhar censório para os livros como um todo, limitando-se apenas a algumas partes. A crítica ficava mesclada entre o sério e o chistoso e sarcástico, assumindo ares de sátira, bem como chegava às minúcias nos textos em prosa e em verso, direcionando-se a questões de forma, de estilo, de gramática e, enfim, apontava para uma completa falta de qualidade.

Antônio Salles não parou por aí e, mais tarde, por meio da folha cearense que dirigia, *O Pão da Padaria Espiritual*, com os artigos “Arquivo” e “Galope!”, desancou mais uma vez outra obra de Oscar Leal, *Viagem a um país de selvagens*. Dessa vez a crítica não se direcionava apenas ao autor, mas também

a Lopes Carqueja, que havia organizado um juízo crítico da imprensa portuguesa, mostrando a aprovação do livro em questão. A avaliação do conteúdo era mais uma vez profunda, com tons jocosos, não deixando de brincar com a necessidade de uma maior dedicação de Leal à carreira de dentista, em detrimento dos pendores literários. Tais críticas de Antônio Salles estiveram entre as mais sentidas por Oscar Leal, gerando reações publicadas na folha lisbonense *A Madrugada*, criando-se um amplo debate, com réplicas e tréplicas.

O jornalista cearense continuou desqualificando o trabalho de Oscar Lopes e denunciando que os elogios de Carqueja só ocorriam pela inexistência de tal escritor que, na verdade, seria o próprio Leal. Em resposta, Leal e/ou Lopes Carqueja sugeriram que Salles havia cometido plágio, permanecendo as mútuas acusações. Nesse sentido, o periódico *O Pão da Padaria Espiritual* chegou a referir-se à “prosa asnática e pífia do célebre dentista Oscar Leal”²³ e à “resposta acanalhada e torpe do dentista e fazedor de livros Oscar Leal... o cínico intrujão”²⁴. A discussão parecia não ter fim, tanto que, já em 1911, depois da morte de Oscar Leal, o assunto continuava a ser referenciado no artigo “Ainda”, editado no *Jornal do Ceará*²⁵.

O *Correio Paulistano* voltaria a apreciar obras de Oscar Leal, no caso *Do Tejo a Paris*, apontado como uma descrição muito rápida e quase sem nenhum interesse; e *Viagem a um país de selvagens*, também contou com avaliação

²³ O PÃO DA PADARIA ESPIRITUAL. Fortaleza, 1º nov. 1895, a. 2, n. 27, p. 3.

²⁴ O PÃO DA PADARIA ESPIRITUAL. Fortaleza, 15 dez. 1895, a. 2, n. 30, p. 3.

²⁵ JORNAL DO CEARÁ. Fortaleza, 11 out. 1911, a. 8, n. 1.407, p. 1.

negativa, quanto às narrações consideradas em geral fracas, sem valor científico como obras de excursão e pulha como trabalho literário, com erros gramaticais e sem nenhuma beleza, servindo apenas como passatempo e não como livro de informações. *O País* do Rio de Janeiro também avaliou negativamente *Do Tejo a Paris*, considerando-o sem a menor pretensão literária, e aconselhando Leal a permanecer escrevendo viagens sobre os selvagens no Brasil e não sobre os civilizados europeus.

O trabalho de Oscar Leal enfrentou críticas por razões de oposição de natureza político-ideológica ou pessoal. Foi o caso do artigo “*O Parteiro e o senhor Oscar Leal*” publicado no jornal alagoano *Caeté*, vinculado ao movimento radical republicano identificado com o jacobinismo florianista, uma frente que idolatrava o presidente Floriano Peixoto e defendia um profundo nacionalismo, com ferrenhas manifestações lusófbas. Nesse sentido, levado por um espírito indigenista, o periódico censurava acremente Leal por sugestões de uma sensualidade ente os indígenas brasileiros, vindo a imputar pejorativamente tal característica aos portugueses. Oscar Leal que sempre enaltecia a sua nacionalidade brasileira, foi alocado pelo *Caeté* entre os adversários, ou seja, como “português adotivo”. *O Parteiro* envolvia personagens do nordeste brasileiro, alguns deles sob uma óptica satírica, e *A Orbe* de Maceió se oporia fortemente, partindo em defesa de um daqueles indivíduos.

Finalmente, já no século XX, *A República* de Natal acusaria o recebimento do livro *Através da Europa e da África*, prometendo a realização de um juízo sobre a obra, o que viria a ser realizado por Policarpo Feitosa, pseudônimo de

Antônio José de Melo e Sousa, político, jornalista, escritor, historiador e poeta norte-rio-grandense que não poupou adjetivações negativas para o volume, dizendo que o mesmo pecava desde o excesso de erros ortográficos, até a falta de valor como literatura de viagem, a partir da consideração de que a obra bem pouco nos ensinava. Feitosa foi outro crítico que fez gracejo com a profissão de Leal, também aconselhando-o a ficar no campo odontológico e desistir do literário. Assim, o projeto de Oscar Leal de difusão do seu nome em busca do reconhecimento por meio do envio de exemplares de seus livros para as redações de jornais nem sempre deu certo. Mas ele não esqueceu tais recepções negativas, e, sempre que houve oportunidade, redigiu escritos combatendo fortemente seus críticos.



Recebemos um exemplar das *Flores de abril*, volume de versos líricos do Sr. Oscar Leal.

Ao terminar a tarefa da leitura das 69 páginas desse volume, por certo também o leitor sentir-se-á presa de vagas melancólicas e de tristezas indefinidas – notas predominantes na individualidade extremamente sensível do poeta.

A última página, sobretudo, atraiu-nos deveras a atenção, e não podemos furtar-nos ao desejo de reproduzi-la aqui:

ÚLTIMA PÁGINA

O que sou eu

Um lastro descrente que vaga na terra,
Conhecido de todos, quando menos de vista;
Inimigo de padres, de frades e bispos,
Um mísero poeta ou pobre dentista.

Filho de nobres e sem nobreza vivendo
Mui longe criado da terra natal,
Eis, caros leitores, destes versos humildes
Quem por aí se chama – *Oscar Leal*.

Estas duas estrofes (!!) bastam para formar-se mais do que juízo leal sobre os versos do Sr. Oscar.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 29 maio 1884, a. 30, n. 8333, p. 2.

#####

LIVRO DA PORTA

Nada menos de 9 volumes, caro leitor! Uns de ciências, outros de literatura e viagens, e, até um de espiritismo estão diante de nós, como legítimos representantes do movimento intelectual (...).

Viagem ao centro da terra, por Júlio Verne; (...)

Viagem ao centro do Brasil pelo Sr. Oscar Leal, 180 páginas, de variadas narrativas; (...)

E então?

É uma enciclopédia!

Temos, pois, os seguintes assuntos: direito, higiene, viagens, lexicologia, crítica, econômica política, poesia, e... espiritismo!

É o universo que nos assoberba!

Felizmente, para estes e outros caso, o nosso século inventou, também, o estilo telegráfico, que, não poucas vezes, nos salva de apuros.

Digamos, pois:

A viagem ao centro da terra, é um dos primores de Júlio Verne, incomparavelmente mais fantástica do que a dita *ao centro do Brasil*, pelo Sr. Oscar Leal, porém, que a nós, brasileiros, nos interessa menos, do que esta. (...)

Thomé Jr.

REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 21 nov. 1886, a. 11, n. 443, p. 2.

#####

DE OMNI RE...

Em que pese ao Sr. Carqueija, venho declarar aos meus numerosos leitores que não gostei de grande parte da – *Viagem ao centro do Brasil*, do ilustre cirurgião-dentista Oscar Leal. Este, pelos modos, esforça-se por manejar a pena com a mesma facilidade com que dirige o clássico boticão, e daí a extração de um dente seguida das *Flores de abril*, a obturação de outro acompanhada da *Filha do miserável* e a colocação de uma dentadura imediatamente saudada pelo aparecimento da *Viagens ao centro do Brasil*. Desde o curtíssimo – *Ao leitor*, firmado pelo rival de Capello e Ivens, sucedem-se nestas impressões de viagem indesculpáveis incorreções gramaticais, a que se aliam eloquentes demonstrações da homeopática dose de observação, existente no espírito de Oscar Leal, não sendo em pequeno número as alusões a episódios inconvenientes, que convinha não serem trazidos à luz da publicidade.

Dirigindo-se ao leitor, diz o *amante do Belo*: * “*Ides ver, caro leitor, o que de mais importante se me oferece relatar-te...*”. Daí por diante vão-se tornando mais frequentes as incorreções, a ponto de se dificultarem as citações, em vista da prodigalidade com que foram elas espalhadas no livro.

Em minha opinião, as impressões de viagem são um gênero de trabalho literário, que exigem conhecimentos especiais, porque a falta de episódios deve ser suprida pela narração de fatos históricos relativos ao país ou por observações sensatas, expressas em linguagem correta. Não pensa deste modo Oscar Leal, julgando que nos interessa saber que em certa fazenda *as crioulas lhe prodigalizaram todos os cuidados*; que em outra foi-lhe oferecida *garapa*

quente numa cuia, e outras coisas mais. Em presença da família de um fazendeiro fez o viajante sortes de prestidigitação e mais adiante matou uma juriti, depois de ter saído de Uberaba, onde colaborou em *todos* os jornais, sem se meter na política, como rapaz prudente e amigo de todo o mundo. No *Ateneu literário uberabense* deitou discurso, que foi inserto no *Waggon* e deste trasladado para o livro de que nos ocupamos. Num certo pouso foi o nosso Mirabeau assaltado *por uma mala enorme de jatiucas e rodoleiros*, cujas ferroadas ele acabou por achar deliciosas, porque... há males que vêm para bem.

Confesso não ter passado além deste episódio interessante e digno de ser incluído em um romance de Paulo de Kock, não podendo, por isso, dizer mais nada sobre o resto.

Doravante serei capaz de procurar Oscar Leal no fim do mundo, se lá ele estiver, para arrancar-me um dente; porém, fugirei dele às léguas, loucamente, se ele me ameaçar com qualquer de seus escritos.

Sou amigo do dentista e inimigo encarniçado do escritor.

Felix, o Infeliz

* A. Lopes Carqueija

O FAROL. Juiz de Fora, 13 mar. 1887, a. 21, n. 57, p. 1.

#####

NOTAS PARA TODOS – Dois livros

Tenho sobre a banca dois livros do Sr. Oscar Leal – *Contos do meu tempo* e *Viagem às terras goianas*.

Eu não conhecia o Sr. Oscar Leal antes de me chegarem às mãos os seus dois livros.

Tenho conhecido algumas pessoas com o nome de Oscar e outras com o sobrenome de Leal, mas uma que fosse Oscar e ao mesmo tempo Leal eu não sabia que existisse até ontem.

Mas a culpa é minha: o autor dos dois livros não é nenhum desconhecido visto que já tem, fora destes, cinco publicados, sem falar em dois a publicar.

Acresce que um dos presentes é prefaciado pelo ilustre Sr. Pinheiro Chagas.

No intuito de tornar conhecidos dos leitores de *A República* as duas obras citadas, vou fazer sobre elas, ao correr da pena e dos olhos, algumas ligeiras apreciações.

Começo pelos *Contos do meu tempo*.

A primeira página traz um retrato do Sr. Oscar Leal, já na segunda um dito de um tio do dito.

Na terceira... pensam que há outro retrato?

Não senhores, o que há na terceira é o seguinte pedido: "Aqueles que desejam simplesmente matar o tempo e recrear o espírito tenho uma coisa a pedir – é que na falta de melhor livro leiam os *Contos do meu tempo*".

Estando nas circunstâncias supra, (...) pelo meu rico cobre e comecei a leitura.

Amor e medo é o primeiro conto dos do tempo do Sr. Oscar Leal.

Página 12:

"a natureza se banha nas trevas e no sossego"

Um banho de trevas já é alguma coisa, mas um banho de sossego é coisa novinha em folha.

Na mesma página, o autor, depois de descrever uma sala de baile no Tocantins, aonde o luxo não é de pasmar senão a beócios (cala-te boca!) e a peralvilhada exclama:

"Que diferença!"

Entre que cenas ou que coisas dá-se este *diferença* é que não o diz o autor.

Diz somente – Que diferença! – e quem quiser vá pedir ao bispo que... desmanche essa diferença

Página 13:

"Há ali uma morena encantadora que de *quando em vez desaparece e se some por entre as cortinas das portas anteriores*".

Qualquer mais sagaz notaria nos seus modos *alguma coisa fora do natural*, parecendo mesmo agitada por uma *comoção febril*”.

Perguntam-lhe

“– Tens par para esta quadrinha?”

“– Não danço agora, estou incomodada, etc.”.

Ao leitor, mesmo *menos sagaz*, não parece que esta senhora... comeu melão ao jantar?

O herói do conto chama-se Zoélio; a heroína Mayaya.

E pergunta o autor:

“Zoélio amará Mayaya?”

“Mayaya amará Zoélio?”

Quem souber levantar o dedo, porque eu não sei coisa alguma a respeito.

Página 16:

“Até meia-noite, por várias vezes (Zoélio) abandonara a sala do baile, sumindo-se, ora nos aposentos exteriores, ora parecendo buscar ao ar livre, etc.”.

O rapaz também teria... comido melão?

Na mesma página:

“Quando dois corações se entreabrem para a afeição, quando ao verem-se pela vez primeira conheceram que desde logo que se amavam, *o maior óbice não*

é um estorvo é o orvalho benéfico que os vai refrescar, dar mais vida e mais vigor, *debaixo de um apego e uma contumácia forte e poderosa.*"

Nem sei como comento este período:

Limito-me a grifar o mais curioso e o leitor que faça os comentários que quiser.

Na mesma página:

"Quando a bela Mayaya *pôs os pés no solo sentiu crescer-lhe aos olhos* um brilho febril etc."

Estaria a bela Mayaya encarapitada em alguma seringueira?

E que me dizem desse brilho febril *crescendo aos olhos?*

Há uma entrevista entre Zoélio e Mayaya, à meia-noite em ponto, em plena mata, terminando por..., uma linha de reticências.

O leitor quer saber quem é Mayaya?

"Mayaya é uma flor ou mais do que isso, é um anjo."

Muito bonito e muito novo! Resta apenas saber se um anjo é mais do que uma flor.

É caso para um plebiscito.

Página 20:

Quando o feliz Zoélio regressou da sua venturosa entrevista – “as ruas pareciam desertas, e *para cúmulo de todos os males*, os lampiões *jaziam* quase todos apagados”.

Que diabo de *males* são esse, se tudo correu à medida dos desejos de Zoélio, se o pai da menina não meteu-lhe a bengala, se nem ao menos um cachorro agadanhou as canelas do tal D. Juan?

E o fato dos lampiões *jazerem* apagados pode lá ser *cúmulo* de males quaisquer?

Mesma página e a seguinte:

O Zoélio antes de chegar à casa encontra uma sombra, um vulto e *este era real* (o autor não fala de outro vulto que fosse imaginário).

Que havia de ser?

“Um roupeta! um padre! um servo de Cristo!”

“Este vulto, esse *S. Benedito em pessoa*, causou horror a Zoélio que por isso apertou o passo.”

Caboclo *valente*, só é este Zoélio!

Ter medo de um padre, que voltava talvez de jogar a bisca ou de dar confissão a um doente!

Que poltrão!

Página 21:

Zoélio escreve a Mayaya e, falando de uma nuvem que encobriria a lua na noite da entrevista, diz:

“O medo alimentava a sombra, a sombra que rodeava o nosso amor.”

Ao leitor que em primeiro lugar decifrar este período ofereço uma coleção completa das obras do Sr. Oscar Leal, devendo dirigir-se pela posta restante a

Ibrahim.

(Continua)

A REPÚBLICA. Fortaleza, 22 jan. 1894, a. 2, n. 17, p. 2.

#####

NOTAS PARA TODOS – Dois livros

Prometi ao leitor fazer uma apreciação ligeira dos dois livros do Sr. Oscar Leal, mas desanimei deste intento.

Apreciando somente a primeira peça dos *Contos* gastei oito tiras de papel sem conseguir entretanto por em relevo todas as suas belezas.

Quanto, pois, terei de escrever para comentar as 18 peças em prosa que contém o livro?

Com certeza um volume igual – em volume aos *Contos*, dos quais ficará sendo uma espécie de glossário, de apêndice, o que talvez me ponha na

contingência de imortalizar-me conjuntamente com o Sr. Oscar Leal, de navegar nas águas deste Sr. em rumo da posteridade.

E eu não quero isto de forma alguma.

Não quero entrar no Pantheon na *onda*, como se entra em circo de cavalinhos.

Por isto, deixando de parte as peças em prosa dos *Contos*, todas do mesmo valor da primeira, passarei a analisar as *Flores de maio*, poesias plantadas no meio do livro com o fim providencial de deleitar pela variedade o espírito do leitor.

Imaginem que viço não terão estas flores semeadas em terreno tão adubado!

Vejamos.

A julgar pela dedicatória, o autor tem boas relações no *grand monde* das letras. Pinheiro Chagas, Arthur Azevedo, Paula Nery, o Marquês de Paranaguá, Guimarães Passos, Filinto de Almeida, Alberto Pimentel, Guerra Junqueiro e outros são os privilegiados mortais a quem o autor dedica as suas produções poéticas, devendo se notar que S. S. oferece uma das suas poesias a... si mesmo!

A primeira das *Flores de maio* é um soneto oferecido a Pinheiro Chagas.

Primeiro quarteto:

Eu disse que eras um anjo, podes crê-lo,

No tempo em que as horas consumia,
Nadando em pleno mar da fantasia,
Mas que tempo tolo, estulto anelo.

A forma, como se vê, não é das mais corretas, mas... pior poderia ser.

Sim, porque tenho conhecido poetas mais incorretos do que o autor das *Flores de maio*.

Não se desconsola, pois, o Sr. Oscar. Aqui, no Ceará mesmo já houve um poeta de nome Demétrio, conhecido por *Cachorro preto*, que era mais incorreto do que S. S.

O que é preciso é que o Sr. Leal seja mais claro. Que diabo quer dizer aquele *estulto anelo*?

Olhe, quando escrever coisas assim ponha em baixo uma nota para a gente não ficar jejuando.

Vamos ao 2º quarteto:

Eu disse que eras um anjo, podes crê-lo,²⁶
Que por ti doravante só vivia,
Que a teu lado mil horas passaria,
Até caí-te aos pés como um camelo!

²⁶ Houve um engano por parte do crítico, pois o primeiro verso da segunda estrofe é na verdade: "Eu disse que era de ouro o teu cabelo,".

Qual camelo qual nada, seu Oscar! Isto é modéstia de V. S.! Camelo... Ora que lembrança!

Eis os tercetos:

E tu creste oh minha *doce amada*
Nas juras que te fiz em doce instante,
Quando tudo era apenas caçoadá?!

Perdoa, pois bem sabes estou distante
Não penses numa esperança malograda
Que não és tu mais a minha amante.

Que homem judeu é este seu Leal! Enganou a pobrezinha desta maneira e depois vem flauteá-la em letra de forma!

Oh, seu Oscar, isso não é coisa que se faça com filhas dos outros!

As poesias líricas são todas neste tom e neste compasso.

Pode alguém fechar os olhos e colocar ao acaso o dedo sobre qualquer página, pois quando as abrir verá que está assinalando uma... beleza.

Querem ver o Sr. Leal como poeta satírico?

Então leiam esta poesia dedicada a *Três tipos*:

Conheci um certo alferes
"Beijo rachado" chamado,

Que até passar queria
Sendo tolo por engraçado.

Tinha cara de tratante
Queria ser desfrutador,
Vivia como um frade
E era conservador.

O Ma... doutor *em chuva*
Safardana e desordeiro,
Era nas grandes patifarias
Seu belo companheiro.

Outras vezes o Américo
Grande malcriadão,
Era o mestre de cerimônia
Na esquisita função.

Era pois um – idiota
E segundo um – devasso
E quanto ao terceiro
Foi sempre – palhaço!

Arre! Isto é que é saber dizer desaforos! E com que chiste ele os diz!
Com que cara devia ter ficado esse alferes “beijo rachado” chamado!
E o Ma... doutor *em chuva*! E o malcriadão do Américo?

Duro com eles, seu Oscar! Tomem lá para seu tabaco!

Para terminar vou transcrever aqui a poesia que o Sr. Leal dedica a si mesmo.

Ei-la:

A Oscar Leal

– Quem melhor me compreende?
Senão eu?

Eu sou entre muitos vago, errante
Não há ninguém que meus males cante,
Por isso canto-os eu.
Tenho males é certo, mas hei dias
Dias de prazer, noites de orgias
No doce tempo meu.

Não sou triste e pobre descrente
Como há pouco me cria docemente
Em vis superstições.
Amo a loucura a vida buliçosa
Da quadra juvenil bela e mimosa
Do tempo das canções.

Vivo mais que nunca, entrei no grande mundo
No mundo folgado, jovial, jocundo
Como rapaz honrado,

Ou “touriste” lesto ou forasteiro,
Que passeia e corre o mundo inteiro
E os dias tem gozado.

Não gosto de frades, não sou safardana,
Desprezo os vis que têm a alma tirana
E ferem as leis.
Odeio a canalha, a baixa ralé,
Odeio os grandes que jazem de pé
Ao lado dos reis.

Esta poesia é, como se vê, uma autobiografia.

Por ela se pode fazer uma ideia perfeita da individualidade do Sr. Oscar Leal, que é incontestavelmente um tipo original, uma destas figuras preciosas que aparecem à tona da sociedade para gáudio desta humanidade embotada e gasta do fim do século.

Recomendo as obras do Sr. Oscar Leal aos hipocondríacos e aos patriotas desolados pelas calamidades que oprimem o Brasil.

Disse o autor nas *Duas palavras* que precedem os *Contos*, que “quem quiser matar o tempo e recrear o espírito leia – em falta de livro melhor – os *Contos do meu tempo*.”

Secundando este pedido, eu acrescento que livro melhor do que os *Contos* do Sr. Oscar Leal só pode haver as *Viagens às terras goianas*, do mesmo autor, das quais pretendo ocupar-me amanhã.

Ibrahim

A REPÚBLICA. Fortaleza, 23 jan. 1894, a. 2, n. 18, p. 3.

#####

NOTAS PARA TODOS – Dois livros

Eis-me de novo às voltas com o Sr. Oscar Leal.

Trata-se agora das *Viagens às terras goianas*: – um retrato do Sr. Oscar Leal; um argumento em verso; *Duas palavras* do Sr. Oscar Leal; um prólogo do Sr. Pinheiro Chagas; diversas gravuras; um glossário; uma carta do sul de Goiás pelo autor; 255 páginas; papel e impressão excelentes.

Comecemos pelo começo – isso é, pelo retrato.

O Sr. Oscar Leal está fantasiado de explorador: sentado, um livro de ilustrações aberto sobre os joelhos, um grande cão aos seus pés, uma carabina encostada num móvel sobre o qual está empoleirada uma arara. Detalhe indispensável: o Sr. Oscar colocou a mão direita de maneira a exhibir os dois grande anéis que lhe ornem o mínimo e o anular.

Nas suas *Duas palavras* afirma o autor que todos sabem o que ele tem gozado e sofrido.

Eu, pela minha parte, declaro que não sei coisa alguma a respeito dos gozos e sofrimentos do arrojado viajante.

Meus vizinhos também nada sabem.

O Larousse nada diz a respeito.

Já vê o autor que a sua afirmação precisa ser retificada.

O prólogo do Sr. Pinheiro Chagas termina por estas palavras:

“Por isso felicitamos a Oscar Leal não só porque escreveu de um modo muito agradável uma obra interessante, mas porque prestou ao país onde vive um altíssimo e relevante serviço”.

Diante deste conceito do ilustre escritor português eu meto a viola no saco e acompanho o Sr. Oscar Leal nas suas interessantes viagens.

Página 2:

“Uma coisa digna de nota – Este bom velho tinha um vício singular, era apaixonado em extremo pelo café, etc.”.

Isto de tomar café não acho que seja um vício singular, mas um vício *plural*, porque há muitas pessoas que o têm.

Página 3:

Uma moça de Campinas discute com o autor, num vagão, e diz:

“Os senhores homens são uns volúveis, uns tímidos, e se nós, as mulheres, os não encaminhamos, muitas vezes seremos desencaminhadas”.

Esse periodozinho, além de muito barafustado, é muito... elástico.

Há aqui margem para diversos comentários...

O leitor que os faça.

Página 21:

Falando de um jornal goiano diz o autor:

“O seu redator, apesar de não conhecer, segundo me informaram, é um tipo pretencioso de pouca educação, levando o seu pedantismo a ponto de julgar os outros por si. Resposta é que nunca obtém”.

O leitor pensa que este período foi transcrito errado? Não, senhor, é exatamente assim que ele está no livro.

Imaginem a sova que o Sr. Oscar Leal levou desse jornal para tratar assim o seu redator – sujeito que leva o seu *pedantismo*!!! a ponto de julgar os outros por si!

Página 28:

O Sr. Oscar, como livre pensador que é, não gosta que os lugares tenham nome de santos.

Assim acha que se deve mudar o nome do Arraial de Santa Rita para... sabem para que? Para Ritão!

E acrescenta:

“Saiba pois o leitor que estamos agora no Arraial do Ritão, palavra que se escreve só com um a”.

Não senhor, está enganado: em Ritão há mais um r, um i, um t, e um o, sem falar do til.

Ou eu não entendi o que o autor quis dizer?

Se não entendi, desculpe e permita dizer-lhe que achava melhor que em vez de Ritão, o lugar fosse chamado – Ritinha. Não acha mais bonitinho?

Página 40:

“... e pronto a *fazer o quilo*, como se diz na gíria sertaneja”.

Penso que o autor equivocou-se.

Parece-me que nem essa frase é da gíria sertaneja, nem se escreve *quilo* e sim *chilo*.

Foi um pequeno engano; como a pronúncia é a mesma o Sr. Oscar pensou que se tratava de quilo... grama.

Página 56:

Uma amostra de belezas gramaticais:

“Da floresta o aspecto era imponente, e para qualquer lado que estendesse nossas vistas só encontraria força e vitalidade”.

Quando eu acabar de ler este homem não saberei mais fazer um bilhete.

Página 65:

Uma vez o autor viajava a cavalo com alguns companheiros aos quais lia um folheto escrito em francês, uns versos burlescos, que ele lhes traduzia entre risadas.

De repente o cavalo do autor cai, fazendo-o cair também. (Parece que isto ficou um tanto ambíguo...)

“Dissipado o susto, o doutor arrebatava a rir furioso, loucamente, no que o imitei quando percebi a causa”.

“O cavalo ao cair prendera a rédea num joelho e sem poder erguer-se continuava ajoelhado, e ainda por uma desfrutável coincidência o folheto que me saltara das mãos, havia ficado aberto sobre a areia em frente ao animal”.

Muito significativo este incidente, que aliás não me parece casual. O cavalo ouvindo as gargalhadas que seu amo soltava, lendo os versos franceses, quis também saboreá-los para distrair o cansaço e...zás! tropeçou de maneira que o folheto lhe caísse diante dos olhos.

Pode o Sr. Oscar convencer-se de que não houve coincidência, mas puro propósito.

E faço ponto, leitor amigo. Estou apenas na página 66 e já lá vão oito tiras!

Basta que imagine que o resto é igual ao que tenho apreciado ligeirissimamente, não levando em conta as violações numerosíssimas da gramática, (...) os conceitos estapafúrdios, as proposições extravagantes, etc., etc.

Antes de terminar, cumpre-me notar que o Sr. Oscar Leal fala por vezes na sua profissão, que o obrigava a essas excursões, sem dizer, porém, qual seja ela.

O Sr. Oscar escreve livros, toca flauta, viaja, magnetiza, é republicano, recita cenas cômicas, é livre pensador, faz cartas geográficas, faz discursos, agride onças a revólver e a... sopapo, mas a nada disto se pode chamar uma profissão.

Qual será pois a profissão do nosso homem?

Estava a matutar nisto quando pegando por acaso em um jornal do Recife encontro o seguinte anúncio:

Dentista

O Dr. Oscar Leal, dentista pelas Faculdades de Paris, Lisboa e Bahia, continua em seu consultório das 9 da manhã às 5 da tarde, à Rua do Barão da Vitória, nº. 17 – 1º andar.

Coloca dentaduras pelos melhores sistemas para a perfeita mastigação de alimentos.

Obturações e extrações sem dor. Tratamento radical de fístulas, abscessos e moléstias da boca, etc. Aparelhos para toda as operações dentárias.

Consultório dentário de primeira ordem.

Telefone nº. 447.

O Dr. Oscar é dentista...

Está tudo explicado.

Ibrahim

A REPÚBLICA. Fortaleza, 26 jan. 1894, a. 2, n. 21, p. 2.

#####

LIVROS

- *Do Tejo a Paris*, por Oscar Leal, uma brochura de 80 páginas, descrição muito rápida, quase sem nenhum interesse, da viagem do autor (que é um *touriste*) da Bahia a Lisboa, Madri, Paris, Bordéus e Vigo. Em cada uma dessas cidades detém-se o autor um momento e descreve traços muito gerais, muito rápidos, as suas impressões, sem quase nada adiantar ao leitor. São antes enumerações do que descrições.

- *Viagem a um país de selvagens*, do mesmo autor. O país de selvagens é um trecho do Pará, desde a capital, por água, até Tocantins acima. Umas narrações em geral fracas, de hospedagens, mosquitos, (...), coisas vulgares da vida dos caboclos, quase nada da dos índios não civilizados. Interesse linguístico, botânico, antropológico, geográfico, nenhum. O autor perdeu o

caderno de notas num naufrágio no Tocantins. Nem um barômetro, nem um termômetro levou consigo. Em Cametá ou Baião andou cabriolando num velocípede em dia de festa. O povo do lugar nunca tinha visto aquilo; foi um espetáculo de marca.

Como obra de excursão não tem o valor científico que essas obras exigem. Como trabalho literário é pulha, inçado de erros de gramática, sem beleza em nenhum ponto. Referindo-se àquelas paragens equatoriais, o autor as denomina constantemente de *tropicais*.

Assistiu a pescarias segundo o modo da terra, foi à caça dos jacarés, estive no aldeamento dos apinajés e, neste ponto, narra o seu casamento obrigatório com a índia Aygara, mocetona de truz, que passou a dormir debaixo da rede do marido; depois (...) anda pelos igarapés, pelos *furos*, por Seca e Meca, e volta ao Pará, depois de fazer algumas considerações sobre a existência do homem primitivo na América, existência que aceita como podendo ter sido anterior talvez à Ásia, e que afirma muito anterior à do homem na Europa.

Termina por um pequeno vocabulário, pobre a valer.

É leitura leve, aceitável, de 4 a 5 horas, e o próprio autor teve o cuidado de dizer que a coisa é feita às pressas, de galope, apenas para dar sumariamente as suas impressões, sem mais preocupação de qualquer outra ordem.

Como passatempo serve; como livro de informações... leiam a *Vida amazônica*, de J. Veríssimo, ou *O missionário*, de Inglês de Souza, que são infinitamente superiores em tudo.

É essa a nossa opinião.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 jun. 1895, a. 41, n. 11.590, p. 1.

#####

ARQUIVO

(...)

Juízo crítico da imprensa portuguesa sobre a nova obra do Sr. Oscar Leal
– *Viagem a um país de selvagens*.

O Sr. Lopes Carqueja, de Lisboa, obedecendo a sentimentos que presumimos sejam honrosos, reuniu em um pequeno folheto todas as notícias dada pela imprensa sobre a obra de que acima se trata, desde a que contém uma simples referência até as que elogiam francamente ao autor.

Que nos perdoe o Sr. Carqueja, mas o folheto em questão é um atestado da falta de critério que geralmente preside à manifestação de pensamento da imprensa.

Este Sr. Oscar Leal, que, talvez por escrúpulos de cortesia, tem sido tão bem acolhido em Portugal, a ponto de se lhe permitir que faça conferências no salão da Sociedade de Geografia, não passa de um mistificador, um espertalhão, sem a mais leve sombra de merecimento intelectual.

Afirmamos isto pelo conhecimento que temos de dois livros seus – os *Contos do meu tempo* e *Viagens às terras goianas* –, onde o autor se revela crassamente ignorante, ridículo e falto de senso comum.

Que sirvam estas linhas de protesto contra a campanha encomiástica que se tem levantado em Portugal ao redor do nome do Sr. Oscar Leal, quando aqui este indivíduo apenas serve de troça ao rapazio que faz literatura.

Os elogios dispensados ao Sr. Oscar Leal, além de outros inconvenientes, têm o de tornar suspeitos os aplausos com que Portugal recebeu a Valentim Magalhães, ante o qual aquele faz a figura de um mosquito em frente de uma águia.

Largue a pena o Sr. Oscar e empunhe o boticão, como hábil dentista que dizem ser.

Agradecendo a oferta do Sr. Carqueja, pedimos-lhe desculpa da franqueza destes nossos conceitos filhos da mais estrita verdade.

(...)

M. J.

O PÃO DA PADARIA ESPIRITUAL. Fortaleza, 15 jun. 1895, a. 2, n. 18, p. 3.

#####

A GALOPE!

(Com vistas ao Exmo. dentista e literato Dr. Oscar Leal)

Entre as inúmeras descomposturas com que tenho sido mimoseado desde que encetei a minha vida literária, vem figurar agora a que me pespegou Lopes Carqueja, na *Madrugada*, hebdomadário que se publica em Lisboa, sob a direção do famigerado Oscar Leal, dos *Contos do meu tempo* (lá dele) e de outras obrinhas de igual jaez.

Deu causa à descompostura o seguinte:

Lopes Carqueja, *que arqueja* e também orneja, reuniu em um folheto as opiniões externadas por diversos jornais sobre um dos livros de Oscar Leal, folheto de que mandou um exemplar à *Padaria Espiritual*.

Acusando o seu recebimento, eu lamentei que o Sr. *Qu'arqueja* se desse ao trabalho insano de gastar sua cera com tão ruim defunto, colecionando opiniões, às vezes insignificantes, sobre um livro pulha, como todos os que saem do boticão... quero dizer, da pena de Oscar Leal.

Mas quando tal escrevi não sabia ainda, como sei agora, que Oscar Leal e Lopes Carqueja são duas alimárias distintas e uma só pessoa verdadeira.

Vejam como é modesto o Oscar: prevaleceu-se de um pseudônimo para espalhar aos quatro ventos as apreciações feitas no seu livro.

Lendo a minha apreciação, Oscar-queja inflamou-se, bufou, eriçou as longas orelhas e desandou-me os pés.

Acostumado a alimentar a sua bazófia de capadócio ladino e audacioso com as migalhas que lhe atira a mal entendida benevolência da crítica, Oscar Leal (ou Lopes Carqueja) não compreende a minha divergência e a atribui à má vontade que eu lhe tenha, ao propósito firme de ofendê-lo.

Não há tal: referindo-me a Oscar Leal na notícia que dei do folheto em questão, eu disse apenas que S. S. nos seus livros se revela “crassamente ignorante, ridículo e falto de senso comum”.

Mas isto sem intenção de ofender e movido somente pelos sentimentos da mais absoluta sinceridade.

Se estas verdades o magoam, que hei de fazer?

Que culpa tenho eu de deixar S. S. de fabricar dentaduras para fabricar livros?

Que culpa tenho de que a imprensa portuguesa e a brasileira não sejam bastante caridosas para dizer-lhe a verdade, poupando-o ao desfrute de perpetrar livros irrisórios?

A primeira vez que tive de ocupar-me com o Sr. Oscar Leal foi quando, nas colunas de *A República* e sob o pseudônimo de *Ibrahim*, de que então usava, apreciei as suas *Viagens às terras goianas* e os seus *Contos do meu tempo*, e fi-lo somente porque, redigindo uma seção humorística, tais obras me proporcionavam um inesgotável cabedal para fazer pilhéria.

Mas sem intenção de ofender. Se das minhas apreciações concluiu o público que S. S. é uma besta, a culpa não é minha.

Que má vontade posso ter a um homem de quem só conheço as obras e os retratos que infalivelmente as ornem?

Dadas estas explicações, que espero sejam tomadas à boa parte pelo Sr. Oscar Leal, passo a apreciar o seu artigo.

Dispusesse eu de mais espaço, e, em vez de apreciá-lo, limitar-me-ia a transcrevê-lo.

A ignorância e a falta de senso de Oscar Leal nele se revelam de modo tão frisante que dispensam qualquer comentário.

Mas é longa a cadeia de sandices, e só posso por isto destacar-lhe ao acaso alguns elos.

Começa Oscar Leal me chamando *mulato*: errou a classificação de minha origem etnológica. O que sou é *caboclo* um tanto modificado pelo concurso honesto de algumas gotas de sangue português de minha terceira geração ascendente.

Apesar dessa modificação, me considero caboclo legítimo, e se tivesse um brasão, nele figurariam flechas e tacapes.

E que será Oscar Leal etnologicamente? Não me repugna acreditar que S. S. seja de boa raça e de pele branca, porque isto não vem ao caso. Algumas pessoas que o viram quando aqui estive de passagem para o norte, afirmam-me

que S. S. é um bonito rapaz, bem trajado, bem nutrido – enfim *uma boa estampa*, como diz a gente do esporte.

Intelectualmente, Oscar Leal é um demente com a bossa da filáucia e da esperteza.

Vamos adiante.

Falando das minhas *Trovas do Norte*, diz Oscar Leal que nelas “*havam* produções detestáveis, etc.”.

Que critério pode ter um crítico literário que nem ao menos conhece as regras do verbo *haver*, familiares a qualquer menino de escola?

Oscar Leal me chama “crítico anônimo de *O Pão*” e fala diversas vezes em *anonimato* sem compreender aliás a significação desta palavra.

Como é que pode haver anonimato numa revista literária que não tem seção livre, e em cujo frontispício se lê o nome do diretor?

Para qualquer pessoa de espírito menos obtuso que o de Oscar Leal, é claro que todas as peças não assinadas dessa revista são da responsabilidade imediata do diretor.

Sob o pseudônimo de Lopes Carqueja, Oscar Leal qualifica a si mesmo de “escritor que mais serviços tem *como tal* prestado ao seu país, já fazendo conferências, já escrevendo e dando-nos a conhecer suas riquezas e suas belezas”.

Os “serviços” alegados no trecho acima são o que se chama comumente – serviços de diabo-coxo, e que não têm efeitos somente negativos, mas também perniciosos.

Eu tremo de pavor e suco de patriótica vergonha só em pensar nas monstruosidades que Oscar Leal deve ter esvurmado nas suas apregoadas conferências!

Felizmente andou por lá Valentim Magalhães, e o público lisbonense terá reconhecido que o Brasil possui homens de senso e de talento, preditados a que é absolutamente estranho Oscar Leal.

Quanto aos seus livros, eles são com efeitos preciosos – não como documentos da vida nacional, mas como documentos de psicologia mórbida a desafiarem a atenção de Ferrero ou de Lombroso. Oscar é ao mesmo tempo grafômano e megalômano.

Sofre do mal de *escrever* e do mal de *fazer figura*.

Qualquer dia o teremos comendador de qualquer coisa.

Diz Carqueja que se Oscar lesse o meu artigo “soltaria risada do costume, *própria dos grandes talentos*”.

Oscar Leal pode ter uma *risada do costume*; pode até rir-se a horas certas, como dizem que zurram os jumentos; mas que essa risada seja *própria dos grandes talentos*, não o sabia.

Tenho conhecidos homens de grande talento, sérios como um pote, e imbecis que soltam a cada passo risadas próprias dos *oscares leais*.

Afirma Oscar que na redação do seu jornal existem duas longas cartas dirigidas daqui e nas quais dizem de mim cobras e lagartos.

Acredito piamente, e até poderia dizer quem as escreveu. Saiba o Oscar que não é único na espécie: por aqui há gente do seu escalão e muito digna de conviver e de se corresponder com S. S.

Os ineptos, como agulhas à superfície da água, tendem a atrair-se.

“Un sol trousse toujours un plus sol qui l’admire” é portanto perfeitamente natural que S. S. ache no Ceará quem o aplauda e lhe forneça informações malévolas a meu respeito.

Continuemos:

Diz o Oscar: “Da mesma forma que enxotamos para longe o réptil que nos tenta morder, temos também a indulgência de poupar-lhe a vida, deixando-o se esgueirar entre os *sicômoros* de cisco em que vive e se arrasta debilmente”.

Todo este período é bastante asnático, mas há nele sobretudo um emprego de palavra impagável: – *sicômoros de cisco*.

Sicômoros de cisco!!!

Oscar quis dizer *cômoros* (montão, acervo, combro) e disse *sicômoros*, que é o nome de uma planta.

Sicômoros de cisco só poderão brotar no planturoso cérebro do Oscar.

Pergunta Carqueja qual é a minha profissão, e ele mesmo responde – nenhuma, nenhuma.

“Nenhuma, sim, acrescenta, porque ser criado do governo estadual, ter um emprego público, enfim, nada significa”.

E não é que o patife chamou de criados a todos os funcionários públicos?

Então, pedaço de asno, exercer como eu exercia o cargo de Secretário de Estado dos Negócios do Interior é ser *criado do governo estadual!*”

Ter um emprego público nada significa, oh casmurro!

O que é profissão decente é somente arrancar dentes podres, fazer dentaduras e obturar cáries, paspalhão?

Depois destes desabafos que traem todo o infinito despeito que lhe rói as entranhas, Oscar mete-se a fazer espíritos e lembra-se de aconselhar-me... sabem a que? Que eu estude obstetrícia, que vá ser parteiro! Que lembrança! Que achado! Que risota!

É escusado procurar o Oscar estes recursos para fazer rir: para a gente achar-lhe graça basta ler o que ele escreve seriamente e sem *parti pris*.

Inda me sabem hoje as gargalhadas que dei ao ler os seus *Contos do meu tempo!*

Para destruir o que de seus livros eu disse em *A República*, Oscar transcreve algumas referências que esse mesmo jornal lhe tem feito ultimamente – enaltecendo-lhe as prendas.

Que lhe façam bom proveito estas e outras amabilidades equívocas, sarrafos com o diretor da *Madrugada* vai erguendo o seu pedestal de glórias, o qual não passa de um tablado de feira, onde como os seus colegas de arte, os dentistas americanos, faz praça de múltiplas habilidades e apregoa ao mesmo tempo os seus preparados odontológicos e literários, todos panaceias, todos perniciosos à higiene da boca e da alma.

Vou terminar, mas não sem prevenir antes ao Oscar que vou ler os seus últimos atentados contra as letras pátrias e sobre eles formular um libelo acusatório no estilo que S. S. já conhece e que tantas mataduras lhe deixou no dorso incongruentemente revestido de acessórios de pano, quando os devia ser de couro.

Despeço-me por hoje do Oscar dos meus quindins, e lhe prometo que não mais o desatrelarei da (...) em que pretendo fazer a minha viagem triunfal à imortalidade.

Upa Oscar! A galope!

Setembro – 95.

Antônio Salles

O PÃO DA PADARIA ESPIRITUAL. Fortaleza, 15 set. 1895, a. 2, n. 24, p. 2-3.

#####

AINDA?

Há cerca de dezoito anos, um dentista muito tolo e pretencioso que havia em Pernambuco, de nome Oscar Leal, publicou uns livros completamente idiotas, aos quais fiz uma crítica fustigante e pilhérica num jornal desta capital.

O patife, não podendo responder aos meus reparos e querendo vingar-se de qualquer forma, engendrou uma miserável perfídia, que pôs em execução em Lisboa: mandou traduzir para o espanhol o meu soneto *Visita matinal* (das *Trovas do Norte*), assinou-o com o nome de *Hermínio Palma*, que deu como sendo o de um poeta de Barcelona, e publicou-o, acompanhado de baixas descomposturas, num avulso de que fez larga distribuição pela imprensa brasileira.

Ao chegar aqui causou sensação o tal avulso: amigos e inimigos meus puseram-se em campo para tirar a limpo a acusação de plágio que caía sobre mim. [Diante da constatação de que tal poeta espanhol não existia] Ficou assim demonstrada a perfídia de que eu fora vítima e esmagada a calúnia que nela se baseou para atacar-me, como agora.

Dezoito anos depois, eis que um inimigo pequenino, faz reviver essa torpeza nas páginas do *Almanaque Luso-Brasileiro* para o ano próximo. [Ocorreria mais uma busca pelo pretenso poeta espanhol] E não encontrei pelo simples motivo de que ele não existe: o canalha do dentista não se arriscaria a

atribuir a autoria do meu soneto a um poeta realmente existente porque seria facilmente desmascarada a sua infâmia. (...)

Antônio Salles

JORNAL DO CEARÁ. Fortaleza, 11 out. 1911, a. 8, n. 1.407, p. 1.

#####

PALESTRA

Um dos mais férteis escritores brasileiros é, incontestavelmente, o Sr. Oscar Leal, autor dos *Contos do meu tempo*, que reside em Lisboa, onde dirige um periódico literário, *A Madrugada*, que se ocupa quase exclusivamente de assuntos brasileiros.

Desse escritor, que gosta de correr mundo e contar o que viu, já eu conhecia uma *Viagem ao centro do Brasil*, em que há páginas bem interessantes, e tinha notícia de uma *Viagem às terras goianas*, prefaciada por Pinheiro Chagas; agora acabo de ler a *Viagem a um país de selvagens*, narrativa muito curiosa de algumas pitorescas digressões pelo Tocantins, contendo descrições de certos lugares, cenas de costumes dos índios apinajés, etc. É um volume que se lê de primeira à última página sempre com interesse.

Do mesmo autor, recebi um exemplar da conferência que ele realizou o ano passado na Sociedade de Geografia de Lisboa, tomando por assunto o nosso Amazonas, e outro de um folhetozinho de 80 páginas intitulado *Do Tejo a Paris*.

Este último não me pareceu do mesmo escritor, que tão interessantes coisas nos contou a propósito das suas viagens na própria terra.

Não vale a pena ir a Madri e a Paris para trazer de lá um livro em que se lê, por exemplo: "São dignos de uma visita os parques de Monceau, de Vincennes, St. Cloud e os jardins das Bulles-Chaumont". Isso é fazer concorrência aos *guias* que lá se vendem nas estações dos caminhos de ferro, e não têm a menor pretensão literária.

Continue Oscar Leal a contar-nos o que viu entre selvagens, poupando-nos a narração do que viu entre civilizados. Tanto mais que nós não podemos ter absolutamente confiança em informações desta espécie: "O cocheiro parisiense é um cavalheiro de fino trato".

A. A.

O PAÍS. Rio de Janeiro, 19 ago. 1895, a. 11, n. 3.974, p. 1.

#####

O PARTEIRO E O SENHOR OSCAR LEAL

O senhor Oscar Leal, português adotivo, acaba de publicar no Porto uma novela naturalista, sob o título *O Parteiro*. Nada diremos sobre o mérito literário

do livro, e nada diríamos sobre o mesmo, se o capítulo que reproduzimos abaixo não despertasse um vivo protesto de nossa parte, contra as inovações étnicas do Sr. Leal.

“As três raças que constituem o *subsolo* étnico brasileiro: os índios, os portugueses e os pretos, *dos quais* os primeiros comunicaram ao brasileiro a sensualidade e a indomabilidade; os seguintes, a doçura amorosa e o gosto das aventuras; os terceiros a inextinguível alegria da sua raça, inextinguível mesmo no meio dos sofrimentos e do aviltamento da servidão...”.

Diz, portanto, o Sr. Leal que ao português devemos – a doçura amorosa e o gosto de aventuras; ao negro – a alegria e ao índio, a sensualidade e a indomabilidade.

Era natural que o indígena do Brasil fosse sensual; muitas causas poderemos apresentar como fatores desse ardor instintivo que nos impele para a procriação, como as influências animais, seus hábitos e costumes, etc., mas, não podemos admitir a opinião, que julgamos errônea, de termos herdado dos primitivos povoadores do nosso grande país a sensualidade, como quer o mesmo Sr. Leal.

Para provarmos o contrário não precisamos entrar em larga consideração etnográfica, bastamos somente do estudo, da investigação e da análise demorada que temos feito do nosso primeiro elemento colonizador – o português – que é por natureza grosseiro, rude, sombrio, insociável, sobretudo – sensual. O erotismo predomina em tudo. Até a própria literatura vive do

erotismo. Daí uma multidão de poetas e escritores nojentos, que aparecem e desaparecem alternativamente, abarrotando as livrarias brasileiras de brochuras obscenas, de gravuras imorais, que bem revelam o estado doentio dos cérebros que as produziram.

A ociosidade, a nenhuma cultural intelectual na liberdade absoluta, poderiam muito bem desenvolver o erotismo nos indígenas, entretanto, apesar de viverem nus, eles tinham o máximo respeito pelas virgens e o adultério era severamente punido.

Como diz, pois, o Sr. Leal, que a sensualidade devemos ao indígena?

Não queira emprestar aos primitivos brasileiros qualidades que essencialmente caracterizam os portugueses.

Bem sabe o Sr. Leal que a influência do elemento português no nosso país foi mais que nociva – foi fatal; bem sabe que; com a existência de quatro séculos que temos, se melhores fossem os elementos étnicos (não falamos do indígena), o Brasil seria digno de melhor sorte, muito digno.

Diz mais o Sr. Leal que ao português devemos – a doçura amorosa e o gosto das aventuras.

Qual é então a doçura amorosa? Não é a exaltação das paixões eróticas?

Quanto às aventuras, neste gênero só conhecemos as de João Brandão...

Herdamos a doçura... mas não herdamos a energia, a indomabilidade, o patriotismo, o valor, a cordialidade e a franqueza, que caracteriza o povo

brasileiro, cuja verdadeira origem dizemos com orgulho, buscamos, não no sangue *azul* dos *doces* lusitanos, mas no sangue enérgico e valoroso, no sangue vermelho e ardente dos primeiros habitantes deste vasto país – os indígenas.

CAETÉ. Maceió, 12 out. 1896, a. 1, n. 1, p. 3.

#####

O PARTEIRO

Pedem-nos para publicar:

Passamos bem desagradáveis horas lendo o livro que sob este título vem de publicar o Sr. Oscar Leal, que reside em Lisboa, onde é diretor da *Madrugada*.

Desagradáveis horas dissemos porque lemos um livro onde é atassalhada a honra de um dos melhores médicos da cidade do Recife, o Sr. Dr. Melo Gomes, a quem, estamos certos, não atingirá a pena prostituída do desnaturado escrevinhador brasileiro. E como nós opinará o público legente de Pernambuco, onde nasce a história desse romance e onde o Sr. Oscar Leal dera exuberantes provas de seu procedimento, terminando por casar-se sob ação da polícia.

Sem estilo e sem forma, numa linguagem de arrieiro, *O Parteiro*, nenhum merecimento literário tem.

Procurem-no e leiam-no. Mostra-nos unicamente a igualdade do cérebro que produziu os *Contos do meu tempo* e as *Flores de abril*, contos insuportáveis e versos tolos, na sua generalidade defeituosos.

Basta a sábia opinião de *O País*, que acha *O Parteiro* indigno de uma leitura.

ORBE. Maceió, 27 jun. 1897, a. 19, n. 69, p. 1.

#####

LIVROS E REVISTAS

(...)

- *Através da Europa e da África*, Oscar Leal, interessante brochura impressa em Lisboa, sobre a qual emitiremos oportunamente o nosso juízo.

A REPÚBLICA. Natal, 20 fev. 1902, a. 14, n. 40, p. 4.

#####

ATRAVÉS DA EUROPA E DA ÁFRICA

Sob esse título, pelo menos duzentas mil vezes mais amplo que o livro, publicou recentemente um volume o Sr. Oscar Leal, membro de uma quantidade de sociedades de geografia, de história *et quorumdam alium*, que fez-nos a gentileza de enviar dois volumes à redação de *A República*.

Esta, que às vezes tem o mau costume de sacudir carga pesada às minhas costas, incumbiu-me de noticiar o aparecimento do livro – e aqui está o servo de vossas mercês muito jururu por não poder dizer do supramencionado livro todo o bem que desejava.

Como ser demasiadamente sumária para narração do que se viu em tantas e tão várias terras, a obra que, a julgar por um espaventoso prospecto que a acompanha, foi muito lisonjeiramente recebida pela imprensa alfacinha, é escrita com um descuido bastante estranhável em quem, como o Sr. O. Leal, já arrasta uma volumosa bagagem literária.

O estilo é por vezes pretencioso e guindado, sofrivelmente dentista, como quando ele nos informa, mais de uma vez, das suas “viagens de estudo e clínica”, e a sintaxe, pecadora impenitente, se não é o revisor um grandíssimo malvado, ainda é mais arrepiada que o estilo.

E como, segundo pregava o velho Camilo, o primeiro dever de quem pretende passar por escritor é conhecer bem a língua em que escreve, aí vão logo os exemplos com que me livro da coima de leviano.

O artigo sobre o Coliseu termina com esta marrada:

“Leitor amigo, se um dia *fores* a Roma *correi* ao Coliseu”.

Noutro sobre Paris encontro este período que passa os limites permitidos aos “erros de revisão”:

“Pode bem ser, caro leitor, que *conheceís* Paris melhor do que eu, ainda mesmo sem lá *teres* ido, e se *estais* no rol desses felizardos, se a tendes lido ou visto, peço-*te* um favor – *não continueis* a perder tempo (modesto...) com esta leitura e *passai* o livro a outras mãos”.

Eu, depois disso, quase o passo à cesta.

A ortografia, conquanto se lhe notem por vezes certas pretensões de apuro, tal a nova grafia de *português*, (Cândido de Figueiredo), deixa algo a desejar. E logo, a propósito de português, consigno, enternecido, que a nós nos chama o Sr. Leal *brazilêses* (pág. 120) e é pena que, levando aos naturais limites a bela uniformidade, não fale também, no mesmo período, nos russêses, hespanhêses, turqueses e outros povêses.

No que, propriamente, constitui o fim e o valor da literatura de viagens, como chama R. Ortigão, isto é, a larga cópia de informações seguras sobre países viajados, o estudo comparativo do caráter, dos costumes, das instituições dos povos que os habitam, sob tais pontos de vista tão interessantes e tão úteis, o livro do Sr. Leal bem pouco nos ensina.

Na primeira parte, sobre a África, a qual parece-me que andaria melhor o autor se limitasse a sua viagem “de estudo e clínica”, registram-se várias informações proveitosas e dizem-se coisas que parecem duras verdades, relativas, à administração e aos costumes das restantes colônias portuguesas da África ocidental.

Ainda essa, todavia, está longe de dar quanto se tinha o direito de esperar de viajante veterano como o Sr. Leal.

A segunda parte, contendo resumidos e superficiais capítulos sobre algumas das principais cidades da Europa, nada mais é que uma árida e vazia nomenclatura de lugares, de edifícios, de museus, escrita com o mesmo método dos compêndios de geografia elementar.

E para mais se parecer com estes, até o Sr. Leal leva o que alguém poderia chamar irreverentemente pedantismo, ao ponto de concluir o capítulo, aliás dos melhores, sobre o Vesúvio, com uma *tirada* de mestre-escola sobre os vulcões atualmente em atividade (pág. 160).

Aquilo começa pelo número dos atuais, fala na crosta terrestre e no arrefecimento geral; descobre que, algumas vezes, os vulcões apagam-se durante séculos, e termina, depois de outras *sabenças*, assim: "Além dos vulcões que vomitam chamas e lavas ardentes, temos (assim) aqueles que lançam lama tais como este e aquele; e entre os que lançam água temos (ainda) o Gêiser na Islândia".

Até parece a prova escrita de um cascabulho de geografia.

Escrevendo sobre Paris, onde não esquece-lhe informar... que já esteve uma dúzia de vezes, as instruções são desse teor:

"Os museus principais que consegui visitar foram tais e tais", e lá havia muita gente.

“Os teatros que visitei foram tais e tais”. Só.

Os períodos são recheados de “eu fui”, “eu vi”, mas tudo tão vulgar, tão notícia de jornal, tão cheio de frases de repórter e de apreciações de dentista que aborrecem ao mais cordato.

De um cemitério diz que “tudo lá é belo e majestoso”, e se passa dali ao mercado das flores, a sua nota é esta: “Uma vez ali pareceu-me sentir anuviar-se o coração de profundo pesar, (não faz por menos) como se penetrasse num recinto onde estivessem algemadas tristes condenadas à morte, em frente do vil carrasco. Pobres flores! Pobres condenadas!”.

Já viram coisa que com isso se pareça?

Eu, de mim, não.

Mas é ingrátíssimo continuar tal análise.

O Sr. Leal é, certamente, um distinto cavalheiro e um habilíssimo dentista que faz viagens “de estudo e clínica” pelas costas da África, mas se toda a bagagem literária, constante do dorso da capa do volume que tenho à vista, é igual a este, ainda não posso considerá-lo tão bom escritor quanto emérito dentista.

Policarpo Feitosa

A REPÚBLICA. Natal, 10 mar. 1902, a. 14, n. 53, p. 1.

**COMPILAÇÕES DE REPERCUSSÕES NO
PERIODISMO PORTUGUÊS**

Oscar Leal, fosse pessoalmente ou através de algum assessor, e principalmente por meio de Lopes Carqueja, prefaciador de um de seus livros e apontado como escritor, inclusive como um breve biografia traçada nas páginas de *A Madrugada* e, por outro lado, denunciado como uma espécie de alter ego ou pseudônimo do próprio Oscar, praticou largamente a denominada redação de “cola e tesoura”. Era uma prática muito comum no século XIX, pela qual um redator de jornal copiava na íntegra informes editados em outros títulos. Leal, só ou com algum auxiliar fez isso largamente utilizando-se de recortes de trechos de jornais que versassem sobre suas obras. Nesse sentido, eram extraídos dos textos dos periódicos fragmentos que qualificavam seus livros.

Algumas dessas recepções em relação às repercussões de sua obra na imprensa portuguesa chegaram a ser reunidas em folhetos ou livretos, exercendo o papel de “revista bibliográfica”, algumas delas chegando a ser publicadas e distribuídas entre as redações de jornais, com a assinatura de Lopes Carqueja. Dois desses conjuntos de juízos foram tão apreciados pelo escritor que ele chegou a incorporá-los, como se fossem um anexo, em um de seus últimos livros, *Dentistas e “dentistas”*, publicado em 1904. Tais seleções tendiam à parcialidade, pois o levantamento prendia-se apenas às avaliações positivas e, ainda assim, trazendo apenas alguns trechos em destaque, invariavelmente os elogiosos, ou pelo menos neutros. Entretanto, não há maiores referências quanto a possíveis contestações dos periódicos citados. A ampla divulgação dessas apreciações também compunham o projeto de Leal quanto à difusão de seu nome e mesmo de propaganda de suas obras, como foi o

caso das revistas bibliográficas publicadas sobre os seus livros *Viagem às terras goianas (Brasil central)* e *Viagem a um país de selvagens*, que traziam apreciações essencialmente de jornais portugueses, acrescidas de algumas poucas avaliações de escritores.



VIAGEM ÀS TERRAS GOIANAS (BRASIL CENTRAL) POR OSCAR LEAL

Um volume com várias gravuras, um mapa e um prólogo do grande escritor Pinheiro Chagas²⁷

PRÓLOGO DE PINHEIRO CHAGAS

Foi com verdadeiro interesse que percorri o manuscrito que o Sr. Oscar Leal teve a bondade de confiar-me e em que encerra as impressões de uma viagem ao interior do Brasil.

Ávido de conhecer tudo que diz respeito a essa maravilhosa região, cuja descoberta e cuja exploração perseverante constitui a mais perdurável glória de nosso passado, cativam-me sobretudo as narrativas das viagens pelo interior do Brasil, onde se conserva ainda mais fundamente impresso o velho caráter brasileiro, onde a natureza ostenta maravilhosas galas, ainda não profanadas

²⁷ LEAL, Oscar. *Dentistas e “dentistas” – crítica (de luva calçada) ao folheto de Francisco Ortiz O Dentista Moderno*. Lisboa: Livraria Editora da Viúva Tavares Cardoso, 1904. p. 68-76

pela curiosidade banal dos viajantes de caminho de ferro ou dos passageiros dos vapores.

Quem não conhece, ainda que lá não tenha ido, as maravilhas do Rio de Janeiro, da Bahia, de Pernambuco, do Maranhã ou do Pará, de S. Paulo ou de Santa Catarina, do Rio Grande ou ainda um pouco de Minas? Porém, Mato Grosso e Goiás, por exemplo, conservam, pelo menos para nós europeus, todos os encantos do desconhecido. As suas florestas devem conservar o impoluto aspecto dessas selvas primitivas em que entre com assombro e com vago terror o homem civilizado; naquelas fraguras e caminhos escarpados encontrar-se-á ainda a pegada dos primitivos exploradores, daqueles audaciosos portugueses que foram como Aleixo Garcia, o mais longe que se podia ir pelo interior do continente americano, a ponto deste Aleixo Garcia ter chegado à terra dos incas antes que Pizarro tivesse sonhado a sua existência.

O Sr. Oscar Leal tem empregado uma parte de sua vida em belas e curiosas viagens. É a sua profissão que o faz tentar essas digressões interessantíssimas, sente-se, porém, que é com íntimo prazer que ele se aventura sertão a dentro, ávido de encontrar impressões novas, de colher novas informações, de desempenhar tipos novos, de surpreender em flagrante um canto ainda ignorado desse maravilhoso Brasil, que parece ter merecido da natureza um desvelo especial como se o tivesse pelo seu Benjamin predileto.

Por isso seguimos com suma curiosidade o pertinaz viajante e desejamos que as suas peregrinações não terminem tão cedo, para que possamos saborear todos os curiosos apontamentos da sua carteira de romeiro.

Viajante despretensioso, o Sr. Oscar Leal não aspira a pintar grandes telas, esgotar uma paleta de estilista na prodigalidade das cores. Conta simplesmente o que vê, dia a dia, o modo como o receberam, as alegrias e os contratempos de sua existência de excursionista, e ao mesmo tempo vai descrevendo as belezas naturais, consignando as suas observações acerca do caráter dos habitantes, não esquecendo as tradições históricas, dando-nos, enfim, uma multidão de fatos e de notas que satisfazem a nossa curiosidade e estimulam ao mesmo tempo o nosso apetite, de conhecermos ainda mais largamente esse interior do Brasil que ainda está tanto por desbravar.

Que muitos escritores brasileiros ou estrangeiros sigam o exemplo do Sr. Oscar Leal, que se não limitem a descrever-nos os portos de mar dos paquetes da Europa, ou os *terminus* dos caminhos de ferro que saem da capital federal, e terão prestado um verdadeiro serviço ao Brasil que tanto ganha em ser bem conhecido. Por isso felicitamos a Oscar Leal, não só porque escreveu de um modo muito agradável uma obra interessante, mas porque prestou ao país onde vive um altíssimo e relevante serviço.

Lisboa, 25-5-92.

Pinheiro Chagas

JUÍZO DA IMPRENSA PORTUGUESA SOBRE O LIVRO DE OSCAR LEAL *VIAGEM ÀS TERRAS GOIANAS*

Não é um desconhecido para o partido republicano português, o Sr. Oscar Leal. Num transe dolorosíssimo para nós, quando pranteávamos a perda do nosso chefe Elias Garcia, vimo-lo junto à última jazida do grande cidadão, confundir as suas com as nossas lágrimas, compartilhando a nossa dor, e ouvimos a sua palavra fluente e imaginosa, expressar a mágoa que o pungia na confraternidade dos sentimentos republicanos.

Pois o Sr. Oscar Leal acaba de dar à estampa a descrição da sua *Viagem às terras goianas (Brasil central)*, num elegante volume de 275 páginas, 8º grande, ornado de várias gravuras, desenhos do autor e acompanhado com uma carta do sul de Goiás.

É um livro consciencioso, de verdadeiro observador, repleto de episódios curiosos e alegres, sempre interessante da primeira à última página e que nos prende a atenção pela despretensiosa veracidade das descrições e pela amenidade de estilo. Traz também um prólogo de Pinheiro Chagas.

Da *Folha do Povo*, Lisboa, 7-7-92.

O Sr. Oscar Leal, distinto viajante e escritor, a quem já nos temos referido, acaba de publicar um elegante volume... contendo a narrativa despretensiosa mas abundante de interesse da sua longa excursão através de uma parte do Brasil central.

O livro do Sr. Leal é um excelente serviço prestado ao Brasil e em geral às ciências geográficas.

Do *Diário Popular*, Lisboa 4-7-92

... Como o título o indica, refere-se este livro à descrição e impressões de viagem deste caminheiro incansável e observador esclarecido.

É precedido de um prólogo do Sr. Pinheiro Chagas, que muito honra o autor.

Do *Universal*, Lisboa, 10-7-92.

... Um curioso e interessante livro este do Sr. Oscar Leal. São perto de 300 páginas a representarem-nos usos e costumes do sertão, paisagens tropicais, incidentes cômicos e outros dramáticos.

É dos livros com que a gente recreando-se aprende alguma coisa.

É verdade que a permanência do autor em terras brasileiras, deu por vezes à sua linguagem uma fórmulas que serão muito brasileiras, mas pouco portuguesas (vícios de sintaxe). A apreciação porém desses senões é para os caturras.

Nós anunciando e agradecendo o livro, fazemos nossas as palavras com que Pinheiro Chagas exprime o seu parecer acerca do trabalho do Sr. Leal. (Transcreve uma parte do prólogo)

Do *Repórter*, Lisboa, 15-7-95.

... Nesse livro o Sr. Oscar Leal conta as suas explorações e aventuras nas terras goianas.

Tecido com grande simplicidade de dizer, o livro do Sr. Leal tem passagens muito interessantes, descritivos muitos curiosos.

Do *Antônio Maria*, Lisboa, 9-7-92.

... Neste livro revela-se nitidamente a alma intrépida do ilustre viajante, tão entusiasta pelas belezas do exuberante solo do Brasil, como pelo seu ideal democrático. E isto tudo transparece na prosa singela e despreocupada com que o autor descreve os incidentes da sua instrutiva viagem ao centro do Brasil.

... possui esse livro com muita vantagem a veracidade didática que prende os espíritos mais práticos.

Do *Correio da Noite*, Lisboa, 8-8-92.

... É um livro escrito *à la diable* – símile de ruidosa palestra de café, entre boêmios na mutação de impressões palpitantes, onde o bom humor se acotovela com o cintilar das ideias e a gargalhada explui sonora, franca, evidenciando saúde e vigor.

(Depois de larga apreciação, diz o crítico:)

... enfim: Oscar Leal pela feição do seu caráter, pela sua atividade e pelo profundo amor ao estudo, honra a pátria.

Da *Luta*, Funchal, 30-7-92

... É uma obra de um subido valor literário, escrita com todas as cores da moderna literatura. É o fruto de um demorado estudo.

É um livro que desde a primeira até a última página, nos prende a atenção, cativando-nos.

(Depois de larga apreciação, termina assim:)

É uma obra como poucas: nela aprende-se recreando o espírito. É um livro, finalmente, que se lê e nunca mais se esquece.

Felicitamos o autor pelo seu primoroso trabalho.

Do *Diário do Comércio*, Funchal, 24-7-92.

Esta obra... é magnífica para quem quiser conhecer bem, mesmo sem as ter visto, as belezas naturais do Brasil central e os costumes de cada um daqueles povos.

Acidentalmente, com o fim de aligeirar o seu trabalho, variando-o, Oscar Leal conta-nos episódios da sua viagem, episódios que mais servem a por em relevo a índole de cada povo e o seu estado de adiantamento.

O estilo colorido e insinuante não empolga, mas deleita.

Fazemos nossas as palavras do ilustre publicista Pinheiro Chagas, com referência a esta obra...

(Transcreve uma parte do prefácio).

De *A Portuguesa*, Porto, 23-7-92.

O nosso correligionário Oscar Leal, distinguiu-nos oferecendo-nos um exemplar da sua última obra – *Viagem às terras goianas...*

(E termina o artigo assim:)

O Sr. Oscar Leal tem muitas simpatias em Lisboa. Ainda não há muito que junto ao túmulo de Elias Garcia, este talentoso escritor discursou com pouco vulgar eloquência a respeito dos democratas portugueses e brasileiros.

Do *Dia*, Lisboa 4-7-92

A leitura da *Viagem às terras goianas* do conhecido escritor Oscar Leal, deixou-nos agradavelmente surpreendidos por nos dar a conhecer regiões para nós completamente desconhecidas do Brasil central.

Hoje que os livros de viagens têm a primazia em todas as bibliotecas é sempre agradável ver que um escritor da plana de Oscar Leal se dedica a esse

assunto. É livro que deve ter grande aceitação, especialmente no Brasil. a edição é nítida, e acompanhada de graciosos desenhos do autor.

Abre o livro com chave de ouro um primoroso prólogo e Pinheiro Chagas.

Diogo Soromenho

Lisboa, 10-8-92.

Fizeram também referências e elogios a este livro o *Século*, *Jornal do Comércio*, *Diário Ilustrado*, *Cruzador*, *Direito*, *Faialense*, *Diário dos Açores*, etc.

#####

**VIAGEM A UM PAÍS DE SELVAGENS
OBRA ILUSTRADA COM 228 PÁGINAS
POR OSCAR LEAL²⁸**

OPINIÃO DA IMPRENSA PORTUGUESA

Da acreditada Livraria Antônio Maria Pereira acaba de sair um novo volume escrito por um escritor de nome, o Sr. Oscar Leal, e ilustrado com várias

²⁸ LEAL, Oscar. *Dentistas e "dentistas" – crítica (de luva calçada) ao folheto de Francisco Ortiz O Dentista Moderno*. Lisboa: Livraria Editora da Viúva Tavares Cardoso, 1904. p. 102-115.

gravuras, segundo os desenhos do autor do livro... *Viagem a um país de selvagens* é um livro por todos os títulos interessante que recomendamos aos nossos leitores.

Do *Correio da Manhã*, de Lisboa.

Mais um livro do nosso amigo e estimado escritor, Sr. Oscar Leal. As suas excursões de estudioso e *touriste* esclarecido dão sempre grande margem às suas notas e encanto às páginas que daí entrega ao prelo e à larga publicidade...

Neste livro *Viagem a um país de selvagens* dá o Sr. Oscar Leal descrições de um dos povos pouco conhecidos, porque não pertencem ao mundo civilizado e têm ficado fora dos estudos dos viajantes e excursionistas que não sabem viajar nem ler naquele mundo novo em parte não explorado...

Esta nova obra será lida com curiosidade em todo o mundo civilizado, porque está sendo trasladada ao francês por pessoa hábil, etc...

Do *Diário de Notícias*, de Lisboa.

... este livro é cheio de peripécias e situações imprevistas e curiosas... despretensiosamente escrito em prosa ligeira em que o autor, o ilustre escritor Oscar Leal, descreve as impressões de viagem que experimentou Tocantins acima, no Brasil, etc...

Do *Universal*, de Lisboa.

A Viagem a um país de selvagens é um elegante volume, descrito à pena sempre brilhante do infatigável escritor Dr. Oscar Leal...

Dos *Ecos da Avenida*, de Lisboa.

O incansável, inteligente e estudioso escritor Oscar Leal, nosso colega da *Madrugada* acaba de publicar um novo livro *Viagem a um país de selvagens*.. Este trabalho é um relevante serviço prestado à geografia, pois que aquelas selvagens regiões ainda se achavam quase inteiramente por explorar e observar...

Do *Diário Popular*, de Lisboa.

Num elegante volume resumiu o Sr. Oscar Leal, distinto e laureado escritor as suas impressões de viagem no interior do Brasil...

Do *Tempo*, de Lisboa.

A Viagem a um país de selvagens é interessante pelo conhecimento que nos dá de populações no todo ou em parte desconhecidas. É um livro todo pessoal, e a cada momento estamos vendo o autor fazendo como que parte integrante do que se descreve...

A linguagem é correta e despretensiosa.

Da *Mala da Europa*, de Lisboa.

A par da civilização que se vai difundindo pelo vastíssimo território da nação brasileira, há ainda, e haverá por largo tempo, dentro daquela nação, regiões essencialmente selvagens, cujos hábitos, costumes e línguas são proximamente o que eram antes da monumental viagem de Colombo.

Há com efeito um contraste frisantíssimo entre a civilização e o movimento progressivo de cidades como o Rio, S. Paulo, Bahia, Belém, etc. etc., e as tribos que nos centros dos sertões ou à beira dos grandes rios, se mantêm, estranhas ao esplendor da civilização. Em compensação, essas tribos fruem no grau mais elevado os esplendores da natureza, a opulentíssima variada e inexcedível vegetação e a riqueza da sua fama podem até tornar invejável a sua situação aos que definham, enfatiados ou desiludidos, nos grandes centros civilizados.

Sobretudo a vastíssima região amazônica não obstante muitas e largas explorações ainda hoje oferece campo a largas e proveitosas explorações, que nos encantam e nos instruem, levando-nos em espírito por umas regiões que diríamos fantásticas, se a sua existência não fosse um fato palpável.

Em abono deste conceito vem agora um novo livro do talentoso viajante Oscar Leal, de cujas viagens já conhecíamos outros importantes documentos.

Este último livro intitula-se *Viagem a um país de selvagens*, e embora se refira a algumas populações civilizadas como Cametá, trata especialmente de um povo indígena, das margens do Tocantins, os apinajés, descrevendo-lhes a índole, os costumes, a língua, e fazendo, de caminho, a resenha daquela luxuriante vegetação que borda o grande rio, e em que se embala a vida, na mais pura acepção desta palavra.

Em meio da interessante narrativa do Sr. Oscar Leal há um episódio, Aygara, que dá ao livro um singular encanto e parece transportar-nos a um capítulo pré-histórico da vida dos trogloditas... Se acrescentarmos que a edição é primorosa e enriquecida com várias gravuras e os retratos de duas simpáticas selvagens, teremos dito o suficiente para fazer crer que este é um livro que tem direito à mais larga procura e ao mais sincero aplauso...

Dr. Cândido de Figueiredo – Da *Tarde*, de Lisboa.

Viagem a um país de selvagens, de Oscar Leal, é a descrição de uma larga viagem... São páginas escritas ao sabor das impressões, onde há observações e notas de um grande pitoresco pela virgindade do assunto...

Do *Antônio Maria*, de Lisboa (Folha ilustrada)

A *Viagem a um país de selvagens* é um livro cheio de interesse e de imprevisto. A prosa é magnífica em excelentes descritos e a imaginação vai presa de página para página de cada vez mais impressionada e surpreendida...

Do *Micróbio*, de Lisboa (Folha ilustrada).

... É um trabalho de grande vastidão e maior fôlego que o último *Do Tejo a Paris*, série de notas colhidas em flagrante pela observação fina do nosso amigo e distinto escritor Sr. Oscar Leal, que mais uma vez provou possuir um estilo fluente e fácil emoldurado...

Do *Século*, de Lisboa.

Em muito avaliava eu já o incontestado merecimento literário do Sr. Oscar Leal, distinto escritor, mas agora que acaba de me ser dado o prazer de com ele em cativante convívio percorrer na sua *Viagem a um país de selvagens*, as margens luxuriantes do baixo Tocantins, melhor pude apreciar os dotes e predicados de brilhante escritor, que S. Exa. em si reúne e lhe realçam o natural talento e seu muito saber...

Não se limita o precioso livro à descrição pitoresca e cativante do país em que está estabelecida uma tribo de selvagens, entre os quais estanciou o autor por bastantes dias, embora seja este o ponto mais interessante da narrativa, pois contém a relação da sua viagem do Pará, pelo Tocantins até acima das

Cachoeiras, com paragem em algumas das mais importantes povoações das suas margens como Cametá e Baião, descrição de festas, de pescas e caçadas, costumes inteiramente novos para o espírito do leitor embevecido e maravilhado se deixar ir e arrastar pelas cativantes páginas. Se, porém, durante todo o percurso da narrativa nos sentimos empolgados por esta, de ponto sobre o enleamento pelas páginas em que tomamos conhecimento como os apinajés, com os seus costumes originais, com as formosas Cararay e Ayagara. E toda esta atraente narrativa em estilo fácil, elegante, encantador!...

Dr. Rodrigo Veloso – Da *Aurora do Cávado*, de Barcelos.

Viagem a um país de selvagens é a descrição minuciosa, pitoresca, colorida de uma viagem feita pelo autor ao Tocantins... O Sr. Oscar Leal tem sido um viajante incansável sobretudo das terras mais interessantes do Brasil e dessas excursões tem-nos dado relação em vários volumes de um valor incontestável. Os seus livros vão formando uma coleção preciosa que há de ser compulsada sempre com interesse por quantos desejarem conhecer o Brasil no que ele possui de mais belo e surpreendente. O presente volume é escrito com propriedade e fina observação...

Do *Comércio*, do Porto.

Mais uma obra do fecundo escritor Dr. Oscar Leal, que por vezes tem honrado o nosso periódico com o seus escritos. Oscar Leal mostra-se o mesmo

espírito inteligente e observador descrevendo em linguagem primorosa as peripécias e os costumes curiosíssimos que observou durante as suas viagens...

Do *Elvense*, de Elvas.

Oscar Leal, o brilhante escritor acaba de enriquecer a galeria das suas obras poéticas e prosaicas, com a publicação de um novo livro.

... É obra de grande merecimento histórico, etc...

Do *Lima*, de Ponte do Lima.

Pelo último correio de Lisboa recebemos mais uma produção literária do nosso ilustrado amigo Dr. Oscar Leal...

... Está escrito em linguagem correta o que prova que o nosso amigo Dr. Oscar Leal soube aproveitar com utilidade o descanso que atualmente desfruta em Lisboa, depois de uma existência por muito tempo agitada e febril na sua peregrinação através do Brasil em demanda do desconhecido, investigando, estudando e colhendo curiosas informações de que estão repletos os seus já numerosos escritos. A última obra do inteligente investigador recomenda-se por mais de um título à consideração dos que sabem apreciar devidamente trabalhos deste gênero...

Do *Diário de Notícias*, Do Funchal – Madeira.

... É uma brilhante descrição de uma longa viagem no Estado do Pará, na qual se ali à minuciosidade de descrição uma linguagem primorosa e cintilante.

Da *União*, Angra – Açores.

... A *Viagem a um país de selvagens* é título de um novo livro do Sr. Oscar Leal, diretor da revista literária *A Madrugada* e autor de várias obras de merecimento. É obra curiosíssima...

Da *Gazeta de Notícias*, Terceira – Açores.

... O estilo é de um brilhantismo original e o critério atesta uma vasta erudição orientada por um robusto talento...

Antônio Cabreira, Lisboa.

*

* *

Uma carta do ilustre médico e escritor Dr. Lourenço da Fonseca ao autor:

Meu caro amigo

Acabei agora mesmo a leitura do seu livro *Viagem a um país de selvagens*.

Quando os *brancos* já vão anunciando o alvorecer da velhice, jamais em quem, como eu, tem dedicado parte dos seus ócios à literatura, o amigo há de convir que não é uma obra qualquer que nos prende a atenção. E, no entanto, a sua nova produção teve o condão de por tal modo me interessar que em dois fôlegos levei a cabo a leitura! Não está nisso completamente exarado o elogio mais completo que eu dela podia fazer?

As suas descrições espontâneas, ao livre e despretenso correr da pena, lembram os *croquis* dos grandes desenhistas que em quatro traços fielmente nos pintam um quadro! E fieis, fidelíssimas são as suas paisagens. E ninguém espero se afoitará a contestar esta minha opinião por quanto muitos dos sítios pelos meu amigo descritos percorri-os eu há bem pouco tempo.

Portanto, o meu voto a tal respeito não é um voto gratuito como o de muitos pseudo-críticos, que aplaudem ou censuram e deprimem, já sugestionados por uma opinião antecipada.

O meu amigo, e ainda bem, nasceu com decididos instintos de viajante, porém viajante que vê e *observa* e sabe dar conta do que viu e observou. Outros tantos títulos que o tornam credor de todo o elogio. Assiste-lhe por isso mesmo um dever: continuar a mimosar-nos com as descrições das suas excursões com o que presta valioso serviço à nossa pátria comum, onde infelizmente

escasseiam os exploradores e *touristes* às nossas florestas ubérrimas, pujantes de belezas naturais de toda a ordem, éden perene, de poetas e naturalistas.

Do seu sincero admirador,

Lourenço da Fonseca.

Lisboa 19-2-95.

Ainda há pouco algumas folhas de Lisboa noticiavam que o ilustre escritor Dr. Oscar Leal recusara nobremente o título de Barão de Menezacre que com instância lhe foi oferecido, para não perder os seus direitos de brasileiro naturalizado. Fez bem o ilustre homem de ciências em preferir usar o seu nome que tantos louros já lhe tem granjeado no grande campo da literatura e que ainda agora acaba de contar mais uma vitória com a publicação do seu último livro *Viagem a um país de selvagens...*

Do *Patriota*, Lisboa.

Viagem a um país de selvagens de Mr. Oscar Leal est une ceuvres les plus curieuses du fecond ecrivain portugais.

Un récent Voyage a travers du Bresil fleuve Tocantins, lui a permis d'ecrire ouvrage, un tableau fidèle e saisissant d'un monde que nous interesse tanta u jour d'hui...

Gustave Enart, Paris.

A Academia Real de Ciências de Lisboa, à qual tive a honra de apresentar a obra *Viagem a um país de selvagens* encarrega-me de agradecer. É com muita satisfação que me desempenho deste encargo apresentando a V. Exa. os meus cumprimentos.

O secretário geral – Manuel Pinheiro Chagas.

Société de Geographie,

Monsieur Oscar Leal... Cette publication a été accueillie avec beaucoup d'intérêt par la Société qui nous charge de vous exprimer tous les remerciements. ...

Veulillez agréer Monsieur, l'expression de nos sentiments les plus distingués.

Le president de la C. Centrale – A. de Lapparent

Le secretaire general, Mannoir.

Muitos outros jornais elogiaram a obra *Viagem a um país de selvagens* cujo autor recebeu ainda felicitações dos principais homens de letras, tendo o distinto escritor Ramalho Ortigão chegado a escrever uma carta-prefácio para a

mesma, que infelizmente se perdeu não chegando a tempo de ser incluída. A tradução francesa pertence ao autor e a M. W. Battenberg e a edição portuguesa ao conhecido e estimado editor Antônio Maria Pereira, estabelecido à Rua Augusta, 54, Lisboa, a quem deverão ser feitos quaisquer pedidos de exemplares.

Esta obra acha-se à venda nas principais livrarias de Portugal e Brasil.

**AS PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
DIRIGIDAS POR OSCAR LEAL
NOTICIADAS PELOS JORNAIS
BRASILEIROS**

O projeto de Oscar Leal de autopromoção e divulgação de sua obra ocorreria também em relação às revistas que editou, redobrando os esforços quanto ao intercâmbio, ao enviar exemplares para os mais variados lugares. No caso brasileiro, tais periódicos foram recebidos nas mais diversas regiões havendo a notificação de tal chegada. *A Madrugada*, editada em Lisboa, entre 1894 e 1896, era uma revista ilustrada voltada à temática literária, contando com a colaboração de diversos intelectuais portugueses e brasileiros, especializando-se em divulgação e crítica literária, biografias, contos, crônicas e poesias, contando com significativa qualidade gráfica e editorial. Além da direção, Leal era o mais importante redator de *A Madrugada* que muitas vezes serviu para divulgar seus escritos e suas ações. A *Revista de Lisboa* existiu desde dezembro de 1901 e circulou, não necessariamente de forma ininterrupta, pelo menos até 1908, constituindo órgão de divulgação da Academia Literária de Lisboa.

O forte intercâmbio de tais revistas revelou-se como uma estratégia muito exitosa no âmbito do projeto de Leal, uma vez que na integralidade das notas que fizeram referência à *Madrugada* ou à *Revista de Lisboa*, as publicações estiveram associadas ao seu nome. As revistas receberam diversos elogios, com destaque para a parte ilustrada, que era um dos grandes atrativos, com os tantos retratos estampados, mas também pela plêiade dos colaboradores, em um rol que acabava por receber múltiplos aplausos. A maioria das recepções se dava por meio de breves notas, revelando que não houvera uma leitura do conteúdo como um todo, e sim um rápido olhar, tanto que as notas eram muito breves e as

informações sucintas, aproximando-se por vezes de uma espécie de *press release*, tamanha a similitude ou igualdade de um informe para outro.

Dessa maneira, além dos tantos livros que escreveu, Oscar Leal ficaria também conhecido como o diretor de *A Madrugada* e da *Revista de Lisboa*, com as quais, além do intercâmbio físico, com o envio de exemplares, havia também o intercâmbio cultural e intelectual, com o fortalecimento das inter-relações com os homens de letras da época, com a troca de oportunidades de divulgação de seus trabalhos, bem como de mútuos elogios. Foi o caso de Arthur Goulart, escritor, jornalista, dramaturgo, historiador e biógrafo paulista, que foi alocado no rol dos colaboradores-correspondentes de *A Madrugada*, na qual apresentou trabalhos. Em contrapartida, escreveu um artigo sobre Oscar Leal para o *Almanaque histórico-literário do Estado de S. Paulo*, periódico que dirigia, dando ênfase ao papel do biografado à frente das duas revistas lisboetas e tecendo-lhes intensos elogios tais como: em todos os ramos da atividade mental muito se tem distinguido o distinto brasileiro; vigoroso apóstolo das belas artes; um *causeur* simpático, atraente, que domina os que o escutam; jornalista, poeta e romancista, o seu estilo se torna agradável aos leitores, pela simplicidade e pela correção; cronista chistoso, cheio de verve; e que muito tem trabalhado em prol do espírito, publicando trabalhos que o elevam e o honram perante o mundo civilizado.

O mesmo fenômeno se repetia nas apreciações dos jornais brasileiros sobre as revistas editadas por Oscar Leal, uma vez que, além da totalidade dos informes citarem Leal, a maioria fazia de forma elogiosa. Nessa linha, nas notas

sobre *A Madrugada* apareciam adjetivações para Oscar Leal como: vantajosamente conhecido no mundo das letras por vários trabalhos que tem produzido; distinto concidadão; ilustrado compatriota; magistralmente escrita pela suave e arrebatadora pena de Oscar Leal; talentoso e operoso patricio; ilustrado compatriota, que tem enriquecido a nossa literatura com produções de seu fecundo talento; distinto patricio; autor da *Viagem a Goiás* e de outras obras literárias bastante conhecidas e de subido valor; compatriota e ilustrado pensador e poeta Dr. Oscar Leal, cirurgião-dentista; distinto amigo; inteligente compatriota; ilustre escritor; talentoso patricio; conhecido escritor; distinto cultor das letras; distinto escritor; distinto compatriota; e ilustre patricio.

O mesmo efeito deu-se com as notificações a respeito da *Revista de Lisboa*, nas quais os adjetivos elogiosos para Oscar Leal se repetiam: conhecido homem de letras; conhecido escritor brasileiro; festejado escritor; muito aplaudido escritor; estimável amigo e apreciado escritor; distinto literato e histógrafo; bem conhecido no nosso meio; e conhecido escritor, que em várias obras tem deixado a sua impressão sobre as diversas travessias que fez pelo nosso país. Assim, além de todos seus livros, *A Madrugada* e a *Revista de Lisboa* representaram uma culminância na carreira de Oscar Leal, representando um papel fundamental em seu projeto de promoção pessoal e busca de notoriedade. Além dos êxitos advindos da qualidade editorial e gráfica das duas revistas, os intensos elogios alimentavam a vaidade de Leal e sustentavam seu reconhecimento intelectual.



DR. OSCAR LEAL

O ilustre diretor da *Revista de Lisboa* é um dos mais operosos escritores da língua portuguesa. Em todos os ramos da atividade mental muito se tem distinguido o distinto brasileiro.

Oscar Leal tem em Portugal, onde reside, e no Brasil, sua pátria, inúmeros admiradores.

Além de vigoroso apóstolo das belas artes, é ele um *causeur* simpático, atraente, que domina os que o escutam.

Jornalista, poeta e romancista, o seu estilo se torna agradável aos leitores, pela simplicidade e pela correção.

Cronista chistoso, cheio de verve, apesar de escrever *au jour le jour*, ainda pairam no espírito de muitos dos seus confrades, as amenas linhas que honravam as páginas da saudosa *A Madrugada*, cintilante revista lisboeta.

É um prosador que tem a facilidade feliz de atrair a atenção dos leitores.

O mérito intelectual de nosso prezado compatriota está comprovado plenamente pela publicação de mais de vinte obras, todas interessantes e bem recebidas.

Nesta ligeira notícia não podemos fazer um estudo completo da fisionomia literária do festejado autor de *Uma mulher galante*. Semelhante

tarefa não é própria para esta ocasião, pois as páginas deste *Almanaque* não chegariam para tal.

Nosso fim é simplesmente prestar modesta, mas sincera homenagem ao brasileiro ilustre, que tem procurado honrar o nome de sua pátria em além-mar.

De uma atividade intelectual fora do comum, Oscar Leal, apesar de moço, muito tem trabalhado em prol do espírito, publicando trabalhos que o elevam e o honram perante o mundo civilizado.

Oscar Leal é membro da Academia Portuguesa de Letras e dirige o órgão oficial desta importante associação, *Revista de Lisboa*, que tão popular é no Brasil.

Os leitores, certamente, podem avaliar a justiça de nossa homenagem prestada ao distinto homem de letras.

Arthur Goulart

ALMANAQUE HISTÓRICO-LITERÁRIO DO ESTADO DE S. PAULO para o ano de 1903. São Paulo, 1902, a. 4, p. 169-170.

#####

REVISTA DIÁRIA

A Madrugada – Acaba de ser publicada em Lisboa uma revista assim intitulada, que nos visitou, dirigida pelo nosso patrício Dr. Oscar Leal.

Essa revista, cujo programa é bem atraente e que se apresenta galharda, é ilustrada com gravuras de Pastor, e tem no seu corpo de colaboração os nomes de Guiomar Torresão, Lopes Carqueija e outros.

Saudamo-la, desejando longa vida.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 13 nov. 1894, a. 70, n. 259, p. 3.

#####

Recebemos o 1º número de *A Madrugada*, revista noticiosa, crítica, literária, biográfica e bibliográfica, cujo diretor é o Sr. Oscar Leal.

A Madrugada, que é editada em Lisboa, traz três retratos – dos Srs. Pádua Carvalho, Lafaiete de Toledo e Dr. Lauro Sodré.

O FAROL. Juiz de Fora, 22 nov. 1894, a. 28, n. 255, p. 1.

#####

A Madrugada

É este o título de uma revista noticiosa, crítica, literária, biográfica e bibliográfica, que acaba de surgir à luz da publicidade em Lisboa e da qual nos foi gentilmente enviado o primeiro número.

É seu diretor o Dr. Oscar Leal, vantajosamente conhecido no mundo das letras por vários trabalhos que tem produzido.

Agradecidos.

A REPÚBLICA. Curitiba, 27 nov. 1894, a. 10, n. 163, p. 1.

#####

REVISTA DIÁRIA

A Madrugada – Temos também à vista o nº. 2, série 1ª, ano I dessa revista ilustrada de Portugal, sob a direção do Dr. Oscar Leal.

Traz esplêndidas gravuras e seletos textos.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 30 nov. 1894, a. 70, n. 273, p. 2.

#####

Recebemos *A Madrugada*, revista literária publicada em Lisboa pelo nosso distinto concidadão Oscar Leal. Traz bons versos e variada prosa.

Colaboram no número que temos presente os escritores Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigão, Cláudio Campos e Angelina Vidal.

Vida longa e assinantes é o que desejamos à colega.

O FLUMINENSE. Niterói, 5 dez. 1894, a. 16, n. 2.600, p. 1.

#####

A Madrugada

Recebemos a visita do nº 1 da *Madrugada*, revista noticiosa, crítica, literária, biográfica e bibliográfica, publicada em Lisboa sob a direção do nosso ilustrado compatriota Dr. Oscar Leal.

Fazem parte do corpo de redatores os melhores escritores portugueses.

O nº 1 traz o retrato do inspirado poeta paraense Antônio de Pádua Carvalho, Dr. Lauro Sodré, digno governador do Estado do Pará, e Lafaiete de Toledo, distinto literato mineiro.

A Madrugada é um jornal bem feito e muito moderno.

Agradecendo a visita do colega lisbonense *A República* promete retribuí-la.

A REPÚBLICA. Fortaleza, 6 dez. 1894, a. 3, n. 278, p. 2.

#####

LINHAS EM PROSA

Grande dia foi o sábado! (...) Foi o diabo, porque presenciei coisas do arco da velha. (...) entregam-me a *Madrugada*, revista lisbonense, magistralmente escrita pela suave e arrebatadora pena de Oscar Leal.

Muitas e mais muitas coisas da *Madrugada* me agradaram porém, franqueza: o que despertou o terrível pecado da ambição foram os seguintes versinhos: [transcrição do poema “História simples” de Oscar Leal].

Os leitores viram?... apreciaram?

Tenho ou não tenho razão de me ter tornado ambicioso?

Estou ficando velho e ainda não me pude casar, e ainda para maior dos pecados eu, pobre diabo, nem escultor sou.

Posso garantir a todo o mundo que foi ofício em que nunca pensei, porém, agora me vou dedicar com afinco e garanto-lhes que em menos de 6 meses qualquer Maria, Amélia, Joana ou Dorotéia a quem eu ame, estou lhe fazendo um menino.. Jesus! Jesus! Jesus!...

Ocirema.

O FLUMINENSE. Niterói, 12 dez. 1894, a. 16, n. 2.606, p. 2.

#####

Recebemos o nº. 3, ano 1º de *A Madrugada*, o esplêndido jornal do inteligente Oscar Leal.

Como sempre bom e variado.

As sua publicação faz-se em Lisboa.

O FLUMINENSE. Niterói, 17 jan. 1895, a. 18, n. 2.636, p. 1.

#####

Recebemos *A Madrugada*, revista que se publica em Lisboa, e é diretor o nosso amigo Dr. Oscar Leal, relativo a 13 de fevereiro próximo passado.

A Madrugada traz na sua página de honra o retrato do mimoso poeta Guerra Junqueiro, depois o de João Vieira, cônsul geral do Brasil na capital portuguesa.

DIÁRIO DO MARANHÃO. São Luís, 14 mar. 1895, a. 26, n. 6.458, p. 2.

#####

A Madrugada

É o título de uma revista noticiosa, crítica e literária que se publica em Lisboa sob a direção do nosso patrício Oscar Leal, que ali vive.

O número que temos à vista traz o retrato de Guerra Junqueiro e do Sr. João Vieira da Silva, nosso cônsul em Lisboa. Além disso, vem cheio de bons artigos, entre eles um em prosa da Sra. Guiomar Torresão, e diversas poesias de Fernando Caldeira, João de Deus, Valentim Magalhães e Thomaz Ribeiro.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 16 mar. 1895, a. 41, n. 11.507, p. 2.

#####

Temos sobre a nossa banca os seguintes novos jornais, que nos fizeram a honra de visitar:

A Madrugada, importante revista noticiosa, crítica, literária, biográfica e bibliográfica, que se publica em Lisboa e da qual é diretor o nosso talentoso e operoso patrício Oscar Leal. Vale a pena ler-se a folha de que nos ocupamos, cuja nitidez de impressão alia-se a boa escolha de assuntos, tornando-a uma *Madrugada* esplêndida como as madrugadas da nossa pátria.

GAZETA DE ALEMQUER. Belém, 9 abr. 1895, a. 12, n. 296, p. 1.

#####

Recebemos de Lisboa mais um brilhante número da *Madrugada*, a cintilante revista do nosso ilustrado compatriota Oscar Leal.

Este número, além de uma excelente parte literária, traz o retrato e a biografia do digno senador mato-grossense Generoso Ponce e um bom noticiário (...).

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 7 jun. 1895, a. 10, n. 3.594, p. 1.

#####

Temos a acusar hoje o recebimento das seguintes revistas:

(...)

A Madrugada, revista noticiosa, crítica, literária, biográfica e bibliográfica, que se publica em Lisboa sob a direção do nosso ilustrado compatriota Dr. Oscar Leal, que tem enriquecido a nossa literatura com produções de seu fecundo talento.

Agradecemos.

A REPÚBLICA. Fortaleza, 11 jun. 1895, a. 4, n. 129, p. 1.

#####

A Madrugada

Pela primeira vez temos a honra de receber a visita de *A Madrugada*, revista noticiosa, crítica, literária, biográfica e bibliográfica, publicada em Lisboa sob a ilustrada direção do nosso distinto patrício Oscar Leal.

As duas primeiras páginas do número que recebemos são ilustradas com os retratos dos notáveis brasileiros Generoso Ponce e Furtado Filho.

A Madrugada é uma revista que honra o nome brasileiro.

Agradecemos a honrosa visita, permutaremos com muito prazer.

O PRATEANO. São Domingos do Prata, 23 jun. 1895, a. 3, n. 64, p. 1.

#####

REVISTA DIÁRIA

A Madrugada – Temos sobre a mesa o último número, correspondente ao mês próximo findo dessa bem elaborada revista publicada em Lisboa, sob a cuidadosa direção do nosso compatriota ali residente, Dr. Oscar Leal.

O presente número está muito bem feito e variado, trazendo em excelentes gravuras os retratos do literato português Teófilo Braga e do cônsul de Portugal em Pernambuco, Dr. João Salgado.

Agradecemos muito a visita do distinguido colega.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 23 jul. 1895, a. 71, n. 165, p. 3.

#####

A Madrugada

Traz este nome poético no alto da sua primeira página a simpática e bem feita revista que se publica em Lisboa, sob a direção de Oscar Leal, o autor da *Viagem a Goiás* e de outras obras literárias bastante conhecidas e de subido valor.

A Madrugada é uma revista literária, noticiosa, crítica, biográfica e bibliográfica, para cuja redação concorrem os melhores escritores portugueses e literatos brasileiros.

O número que temos à vista, o de 27 do passado, ilustrado com os retratos de Teófilo Braga e João Salgado, assinados por Pastor, traz embaixo dos seus escritos nomes como os de Bulhão Pato, Raimundo Correia, Eça de Queirós, Guiomar Torresão e outros.

No seu primeiro artigo, Oscar Leal aprecia o livro de Teixeira Bastos sobre os nossos poetas e ataca a muralha chinesa do ostracismo que “os foliculários pulhas” levantam contra modestos mas inteligentes escritores, que vivem e morrem ignorados, só porque não “são adeptos de uma escola que se quer tornar obrigatória”.

Desejando longa vida *A Madrugada*, esperamos que nos visite sempre.

CIDADE DO RIO. Rio de Janeiro, 25 jul. 1895, a. 10, n. 166, p. 2.

#####

Recebemos a *Madrugada* de 27 de agosto do próximo passado. Revista que se publica em Lisboa, sob a direção do nosso compatriota e ilustrado pensador e poeta Dr. Oscar Leal, cirurgião-dentista.

Traz excelentes produções do mesmo diretor, de D. Guiomar Torresão, Luiz Guimarães, Bulhão Pato, Raimundo Correia e outros, ornando a 1ª página o retrato de Teófilo Braga.

É de 10\$ por ano a assinatura para o Brasil.

DIÁRIO DO MARANHÃO. São Luís, 29 jul. 1895, a. 26, n. 6.571, p. 2.

#####

Recebemos mais um belo número da *Madrugada*, a excelente revista literária e ilustrada que se publica em Lisboa sob a inteligente direção do nosso distinto amigo Dr. Oscar Leal.

Traz os retratos de Teófilo Braga, o grande escritor de além-mar, o de João Salgado, cônsul de Portugal em Pernambuco e apreciável romancista.

O artigo de honra, que sob o título de “Escritores brasileiros” publica a direção, contém um tópico que é uma inverdade.

Falando sobre o venerando poeta mineiro padre Correia de Almeida, diz que ele apesar de ser considerado um dos mais distintos poetas do Brasil, possui um nome *inteiramente desconhecido* em Portugal! Isto não é real, e se não vejamos: Castilho, o velho poeta português, venerava o nosso ilustre patricio e publicava nos seus jornais poesias deste.

O SANTOS COMERCIAL. Santos, 1º ago. 1895, a. 2, n. 286, p. 1.

#####

A Madrugada

De Lisboa veio-nos mais um número da elegante folha *A Madrugada*, que ali se publica sob a direção do nosso inteligente compatriota Oscar Leal.

Traz boas ilustrações e excelente colaboração, tanto de escritores nacionais, como portugueses.

A REPÚBLICA. Curitiba, 30 ago. 1895, a. 10, n. 201, p. 1.

#####

A Madrugada. Esta bela folha do ilustre escritor Oscar Leal veio interessantíssima.

Temos à vista a edição de 4 do expirante; dentre as suas produções de mérito, destacamos o artigo sobre literatura brasileira.

Incontestavelmente Oscar Leal presta relevantes serviços às nossas letras com a *Madrugada*.

Obrigado pela visita.

IRACEMA. Fortaleza, 1º set. 1895, a. 1, n. 6, p. 8.

#####

PUBLICAÇÕES

Recebemos as seguintes que agradecemos:

(...)

A Madrugada, revista literária e noticiosa, que se publica em Lisboa, sob a direção de Oscar Leal e que já está no seu segundo ano de vida.

MINAS GERAIS, Ouro Preto, 10 out. 1895, a. 4, n. 273, p. 5.

#####

REVISTA DIÁRIA

A Madrugada de Lisboa, número correspondente ao próximo findo mês de outubro.

Sob a criteriosa direção do nosso compatriota Dr. Oscar Leal, continua essa revista a bem preencher os fins para que foi criada.

O presente número traz os retratos do adorável poeta português João de Deus e do ilustre escritor brasileiro Afonso Celso Júnior; e também uma bela gravura representando o edifício da Bolsa do Pará.

O texto está variado.

Agradecidos.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 10 nov. 1895, a. 71, n. 258, p. 2.

#####

Continuamos a receber, pontualmente, a visita dos seguintes colegas:

A Madrugada, excelente revista que se publica em Lisboa sob a talentosa direção do Dr. Oscar Leal.

O número que temos em mãos, cintilante, variado, atraente, justifica com brilhantismo o título da folha.

Aceite o Dr. Oscar Leal nossas efusivas felicitações pelo fato auspicioso do primeiro aniversário de sua bela e utilíssima publicação.

GAZETA DE SANTA RITA. Santa Rita do Passa Quatro, 15 nov. 1895, a. 5, n. 228, p. 2.

#####

SOBRE A MESA

A Madrugada, revista de letras e artes publicada em Lisboa sob a direção do escritor brasileiro Oscar Leal, ano 2, série 3ª. Traz os retratos do grande poeta João de Deus e do Dr. Afonso Celso Júnior e uma gravura representando o edifício da Bolsa do Pará. *A Madrugada* tem a colaboração dos melhores escritores portugueses.

A NOTÍCIA. Rio de Janeiro, 18-19 nov. 1895, a. 2, n. 291, p. 3.

#####

A Madrugada de Lisboa redigida pelo conhecido escritor Oscar Leal.

COMÉRCIO DO ESPÍRITO SANTO. Vitória, 21 nov. 1895, a. 5, n. 311, p. 1.

#####

A Madrugada, revista noticiosa, crítica, literária, biográfica. Diretor: Oscar Leal, nosso talentoso patrício.

A PÉROLA. Oliveira, 4 dez. 1895, a. 1, n. 18, p. 4.

#####

REVISTA DIÁRIA

A Madrugada – Temos sobre a mesa o número correspondente a este mês dessa criteriosa revista literária de Lisboa, dirigida pelo nosso compatriota Dr. Oscar Leal.

A Madrugada insere neste número, acompanhados de notas biográficas e retratos de D. João da Câmara, Clóvis Beviláqua, Lopes Carqueja, João Barreto de Menezes, Manoel Aarão e Ernesto Paula Santos.

Quer na sua parte ilustrada, quer no texto, *A Madrugada* impõe-se à atenção e é merecedora dos mais francos elogios, especialmente pela maneira patriótica por que procura divulgar na Europa, tudo que se refere ao Brasil.

O presente número traz excelente colaboração literária de Guimarães Passos, padre Correia de Almeida, Ernesto Santos, Júlio Brandão e outros.

Agradecemos penhorados a visita da *Madrugada*.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 29 dez. 1895, a. 71, n. 298, p. 2.

#####

PALESTRA LITERÁRIA

(...)

Oscar Leal enviou-me de Lisboa *A Madrugada*, uma excelente revista literária que ele redige, secundado por escritores brasileiros e portugueses. Algumas palavras devo dizer sobre aquela publicação, que sobremodo honra a este país, a quem ela, pode-se assim dizer, é consagrada. Entre outros muitos retratos, vejo o de Clóvis Beviláqua, a quem a *Madrugada* rende merecida homenagem, e os três rapazes pernambucanos João Barreto, Manoel Arão e Ernesto Santos, redatores de *A Vanguarda*, de Pernambuco e membros do Grêmio Tobias Barreto, do mesmo estado. O Oscar publica um conto – *Pratos limpos* – muito bem feito e bem apreciável. Agradeço a Oscar Leal a gentileza com que vem de distinguir-me e cá fico fazendo ardentes votos pela prosperidade da revista que tão inteligentemente redige. (...)

Renato

GAZETA DA TARDE. Rio de Janeiro, 28 dez. 1895, a. 16, n. 357, p. 1.

#####

LIVROS E LETRAS

A Madrugada publica-se em Lisboa, sob a direção de Oscar Leal e é uma apreciável revista literária, biográfica e bibliográfica.

GAZETA DA TARDE. Rio de Janeiro, 21 fev. 1896, a. 17, n. 51, p. 2.

#####

A Madrugada, folha noticiosa, crítica, literária e biográfica, dirigida pelo conhecido escritor Oscar Leal.

O número a que nos referimos traz, além de outros, um excelente retrato do nosso eminente homem de letras Aluísio de Azevedo.

O ESTADO DE MINAS. Ouro Preto, 10 mar. 1896, a. 7, n. 446, p. 1.

#####

(...)

Salve-me, portanto, o meu amigo Oscar Leal, com a sua *A Madrugada*, importante revista noticiosa, crítica, literária, biográfica e bibliográfica que se publica em Lisboa sob a inteligente direção daquele distinto amigo, possuindo um corpo de redação composto dos melhores escritores portugueses, único meio de transporte que, no momento, mais veloz e sem perigo de naufrágio ou

descarrilamento, pode conduzir-nos à bela terra dos *alfacinhas*. Com um tal meio de locomoção teremos a grande vantagem de ficar sabendo desde logo, o que talvez ignorava o leitor, que em Portugal há muita gente que não faz outra coisa senão intimidar os que desejam emigrar para o Brasil (...).

Felizmente para nós, nem todos os portugueses pensam do mesmo modo, e lá mesmo uma revista, graças ao benéfico influxo do seu digno diretor, o Sr. Oscar Leal, se encarrega da nossa defesa (...).

O REPUBLICANO, Cuiabá, 1º mar. 1896, a. 1, n. 32, p. 2.; e OÁSIS. Corumbá, 20 mar. 1896, a. 9, n. 344, p. 3.

#####

LIVROS E LETRAS

(...)

A Madrugada, jornal literário que se publica em Lisboa, sob a redação do Sr. Oscar Leal, insere, no último número que temos à vista, os retratos das poetisas Julieta e Revocata de Melo, brasileiras, de Fialho Almeida, de Horácio Nunes e Diogo Soromenho.

GAZETA DA TARDE. Rio de Janeiro, 12 abr. 1896, a. 17, n. 101, p. 2.

#####

A Madrugada, interessante e bem cuidada folha que se publica em Lisboa, sob a inteligente direção do distinto cultor das letras Dr. Oscar Leal, em seu número correspondendo ao mês de março último. Traz o retrato do nosso colega Horácio Nunes, acompanhado de algumas notas sobre os já não poucos trabalhos literários que aquele nosso amigo tem produzido.

REPÚBLICA. Florianópolis, 21 abr. 1896, a. 7, n. 89, p. 3.

#####

Visitaram-nos os distintos colegas de Lisboa:

A Madrugada, de Oscar Leal, revista noticiosa, crítica, literária, biográfica e bibliográfica. Nitidamente impressa e criteriosamente redigida *A Madrugada*. Gratos pela amabilidade da revista.

A TARDE ILUSTRADA. São Paulo, 1º maio 1896, a. 2, n. 26, p. 4.

#####

A Madrugada

Visitou-nos o número de março desta excelente revista que se publica em Lisboa e de que é diretor o Dr. Oscar Leal, nosso patrício.

Nela vêm os retratos de DD. Revocata e Julieta de Melo, de Fialho de Almeida, Horácio Nunes e Diogo Soromenho. O texto em prosa e em verso está, como os dos números anteriores, ótimo e variado.

Gratos pela visita.

O REPUBLICANO, Cuiabá, 31 maio 1896, a. 1, n. 58, p. 2.

#####

O Repórter recebeu:

(...)

A Madrugada importante revista literária, crítica e noticiosa de Lisboa sob a direção do distinto escritor Oscar Leal. A esta revista agradecemos as lisonjeiras palavras acerca de *O Repórter*.

O REPÓRTER. São Paulo, 2 jul. 1896, a. 2, n. 446, p. 1.

#####

A Madrugada

Recebemos a revista nacional, crítica, literária e biográfica que com esse nome se publica em Lisboa sob a direção do conhecido escritor Oscar Leal.

A primorosa revista tem como principais redatores e colaboradores D. Guiomar Torresão, Aluizio de Azevedo, Júlio Brandão, Diogo Soromenho, Fialho de Almeida, Luiz Guimarães Filho, Heliodoro Salgado Guerra; Jerônimo Teixeira Bastos, Gomes Leal e outros.

No número que recebemos vem o retrato do Dr. Silvio Romero acompanhado de honrosas referências de que é digno o ilustre crítico brasileiro.

Além desse traz retrato de Arthur de Azevedo, Marcos Guedes e Raimundo Correia.

Agradecidos.

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. Vitória, 26 set. 1896, a. 16, n. 4.323, p. 2.

#####

Recebemos: (...)

A Madrugada, que se publica em Lisboa. Bem dirigida revista de que é diretor o nosso distinto compatriota Oscar Leal.

O ESTADO. Florianópolis, 6 out. 1896, a. 1, n. 124, p. 1.

#####

A Madrugada

Temos sobre a mesa o número de *A Madrugada* correspondente ao mês de setembro último.

Traz na primeira página o retrato do Dr. Silvio Romero, o desabusado crítico sergipano, autor da notável *História da Literatura Brasileira*; na segunda estampa os retratos de Marcos Guedes, jornalista portuense, Arthur Azevedo e Raimundo Corrêa, nomes conhecidos nas letras pátrias.

O texto, cuidadosamente trabalhado pelo seu talentoso diretor, nosso amigo Dr. Oscar Leal, convida à leitura.

Agradecidos.

O REPUBLICANO, Cuiabá, 25 out. 1896, a. 1, n. 100, p. 3.

#####

Recebemos a *Madrugada*, de Lisboa, belo hebdomadário literário que ali se publica sob a redação de Oscar Leal.

GAZETA DA TARDE. Rio de Janeiro, 27 dez. 1896, a. 17, n. 358, p 2.

#####

LIVROS E JORNAIS

O número correspondente a dezembro do ano próximo findo, de *A Madrugada*, magnífica revista que em Lisboa publica o nosso ilustre patricio Dr. Oscar Leal.

Como os anteriores, está excelente esse número, em cuja primeira página vem o retrato da insigne escritora Guiomar Torresão, vantajosamente conhecida entre nós.

O REPUBLICANO, Cuiabá, 21 fev. 1897, a. 2, n. 134, p. 3.

#####

Chegou-nos às mãos a *Revista de Lisboa*, no seu primeiro número, periódico de literatura que apareceu em dezembro último em Lisboa.

Sob a direção de Oscar Leal e secretariada por Décio Carneiro é a *Revista de Lisboa* uma excelente publicação, esplendidamente colaborada pelos melhores escritores contemporâneos portugueses.

Entre outros, traz um bem lançado artigo sobre o movimento literário, firmado por seu diretor, belos versos, artigo de Ramalho Ortigão e uma notícia completa do movimento teatral de Lisboa, com um retrato de Palmira Bastos.

Agradecemos a visita da novel revista, órgão da Academia Literária.

CIDADE DO RIO. Rio de Janeiro, 31 jan. 1902, a. 15, n. 105, p. 1.

#####

REVISTA DE LISBOA

Com este título temos sobre a nossa mesa de trabalhos o nº 1, ano 1 de um novo colega que acaba de aparecer em Lisboa, dirigido pelo conhecido homem de letras Oscar Leal.

Agradecendo a visita, permutaremos.

SUL-AMERICANO. Florianópolis, 9 fev. 1902, a. 4, n. 121, p. 4.

#####

REVISTA DE LISBOA

Recebemos o 1º número desta nova revista que vê a luz na capital do reino português, e que está sob a direção do conhecido escritor brasileiro Oscar Leal.

A nova revista tem como secretário e editor o Sr. Décio Carneiro e é órgão da Academia Literária.

A *Revista de Lisboa* pretende fomentar o estreitamento das relações entre os homens de letras do Brasil e Portugal.

“Era uma criação que se impunha pois que se tem vivido até hoje quase um completo isolamento. Não tanto pelo grande espaço de oceano que separa as duas costas, mas por falta de um jornal destinado aos dois países irmãos, tem-se

ignorado em absoluto, por assim dizer, o que no outro se pensa e se escreve. E é assim que, nações falando a mesma e maravilhosa língua, trocando os seus produtos comerciais e o seu ouro, quase a mesma pátria, vivem espiritualmente alheadas como desconhecidas."

Que a *Revista de Lisboa* obtenha a grande vitória do seu ideal são os nossos desejos.

JERUSALÉM. Curitiba, 27 fev. 1902, a. 5, n. 97, p. 4.

#####

IMPRENSA

Recebemos:

Revista de Lisboa, noticiosa e literária, sob a direção do Dr. Oscar Leal.

A novel publicação aspira a apreciação do movimento literário dos dois países – Portugal e Brasil.

Traz boas ilustrações.

Permutaremos.

O CACHOEIRANO. Cachoeiro de Itapemirim, 9 mar. 1902, a. 24, n. 20, p. 1.

#####

IMPrensa

Recebemos:

A importante *Revista de Lisboa*, publicada sob a direção do festejado escritor Oscar Leal.

Cheia de escritos valiosos, a *Revista de Lisboa* recomenda-se pela qualidade de seus escritores, conhecidos todos no mundo literário.

O INDUSTRIAL. Cametá, 13 mar. 1902, a. 8. N. 255, p. 1.

#####

Temos sobre a mesa de trabalho a importante *Revista de Lisboa*, publicação literária da qual faz parte o conhecido escritor Dr. Oscar Leal.

Agradecidos.

COMÉRCIO DO ESPÍRITO SANTO. Vitória, 18 mar. 1902, a. 12, n. 62, p. 2.

#####

IMPrensa

Temos presentes:

Revista de Lisboa noticiosa e literária, da qual é diretor o muito aplaudido escritor o Sr. Oscar Leal.

Além de notáveis escritos, traz o número que recebemos retratos da rainha D. Amélia, Gomes Leal, Hermínia e Ilda Peixoto e Arthur Guimarães.

Editada em Lisboa, onde é órgão da Academia Literária, é de uma impressão tão nítida, que muito a recomenda.

JORNAL DE CAXIAS. Caxias, 22 mar. 1902, a. 7, n. 324, p. 1.

#####

REVISTA DE LISBOA

Recebemos mais um número desta belíssima revista, de que é diretor Oscar Leal e secretário Décio Carneiro.

É publicação ilustrada, com 16 páginas de texto.

Traz este número os retratos de Brito Aranha, Paulino Brito, Arthur Melo, Marcos Guedes, Diogo Soromenho, Ângela Pinto, etc. e colaboração de Décio Carneiro, Gomes Leal, Guerra Junqueiro, Almada Negreiros, L. Monteiro, O. Leal e outros.

CIDADE DO RIO. Rio de Janeiro, 17 maio 1902, a. 15, n. 192, p. 2.

#####

REVISTA DE LISBOA

Está publicado mais um número desta belíssima revista, de que é diretor Oscar Leal e secretário Décio Carneiro.

É uma publicação ilustrada com 16 páginas de texto e tem o seu escritório na Rua do Carmo, 35, 1º, Lisboa.

Traz este número os retratos de Brito Aranha, Paulino de Brito, Arthur Melo, Marcos Guedes, Diogo Soromenho, Ângela Pinto, etc. e colaboração de Décio Carneiro, Gomes Leal, Guerra Junqueiro, Almada Negreiros, L. Monteiro, O. Leal e outros.

A REPÚBLICA. Natal, 23 maio 1902, a. 14, n. 108, p. 4.; e JERUSALÉM. Curitiba, 29 maio 1902, a. 5, n. 107 e 108, p. 8.

#####

Recebemos ontem pelo correio:

O número de junho findo, ano II, da *Revista de Lisboa*, dirigida pelo Dr. Oscar Leal.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife. 3 ago. 1902, a. 78, n. 175, p. 1.

#####

Recebemos: (...)

A *Revista de Lisboa*, da qual é diretor o nosso estimável amigo e apreciado escritor Dr. Oscar Leal.

DIÁRIO DO MARANHÃO. São Luís, 12 ago. 1902, a. 33, n. 8.696, p. 2.

#####

IMPrensa

Recebemos: (...)

Revista de Lisboa, o número de julho.

Sob a direção do distinto literato e histógrafo Dr. Oscar Leal, editada pelo ativo Sr. Décio Carneiro, colaborada pelos melhores escritores portugueses, a *Revista de Lisboa* reúne em cada edição o que é útil, agradável e instrutivo.

O CACHOEIRANO. Cachoeiro de Itapemirim, 17 ago. 1902, a. 24, n. 66, p. 1.

#####

SUMÁRIO DA IMPrensa

Dirigida pelo Sr. Oscar Leal, bem conhecido no nosso meio, visitou-nos a *Revista de Lisboa*, correspondente ao mês de novembro. Bem impressa e escrita,

insere a *Revista* os retratos de Oscar Leal, D. Carneiro, D. Carlos, Abel Botelho, Alfredo da Cunha, Aluísio de Azevedo, Nelson de Sena e Arthur Goulart.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 6 dez. 1902, a. 79, n. 278, p. 1.

#####

SOBRE A MESA

Recebemos:

(...)

Revista de Lisboa, número correspondente ao mês de novembro. Magnífico este número da interessante revista dirigida por Oscar Leal e Décio Carneiro. Contém ele os retratos de S. M. El-Rei D. Carlos, Abel Botelho, Alfredo da Cunha, Aluísio Azevedo, Nelson Sena, Arthur Goulart, Maria Sobral e Isabel Nóbrega e traz colaboração de Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, Alfredo Gallis, L. Carvalho, E. de Azevedo, Júlio Dantas, Lopes de Mendonça, Gomes Leal e outros conhecidos escritores.

A NOTÍCIA. Rio de Janeiro, 13-14 dez. 1902, a. 9, n. 295, p. 3.

#####

REVISTA DE LISBOA

É sem dúvida um verdadeiro primor o último número desta revista dirigida por Oscar Leal e Décio Carneiro. São 24 páginas, incluindo a linda capa, ornada de belas gravuras. Publica os retratos de Sua Majestade El-Rei D. Carlos, Abel Botelho, Alfredo da Cunha, Aloísio de Azevedo, Nelson de Sena, Arthur Goulart, Maria Sobral e Isabel Nóbrega e traz colaborações de Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, Alfredo Gallis, X. de Carvalho, E. de Azevedo, C. Barroin, A. de Araújo, D. Carneiro, O. Leal e versos de Bulhão Pato, Lopes de Mendonça, Gomes Leal e Júlio Dantas.

JORNAL DE CAXIAS. Caxias, 24 jan. 1903, a. 8, n. 367, p. 1.

#####

REVISTA DE LISBOA

Recebemos este importante órgão de imprensa periódica de Lisboa.

São seus diretores os Srs. Décio Carneiro e Oscar Leal.

Este número que temos à vista traz as fotografias dos diretores, de Trindade Coelho, Machado de Assis e Cândido de Figueiredo.

O texto é variado e proporciona boa leitura aos amadores das letras. Grande diferença existe, certamente, entre ela e a nossa aclamada *Revista do Norte*, que trata mais de individualidades que não nos pertencem, de livros que não são nossos.

Bom será que os nossos revisteiros parodiem os revisteiros do Tejo. Bom será, a bem do nosso sentir, a bem da nossa nacionalidade, tão desprestigiada por aqueles que devem tratar dela com mais afinho.

Os críticos da nossa literatura, à expectativa desses exemplares cultores das letras europeias, que invectivem esse abandono em que ficam os nossos padrões gloriosos, as páginas brilhantes da história literária do nosso país, como sejam as do nosso passado, pequeno mas prenhe de fatos que nos honram bastante.

Os críticos que não se esqueçam de chamar a atenção dos nossos revisteiros para essas coisas.

A CAMPANHA. São Luís, 11 fev. 1904, a. 3, n. 28, p. 2.

#####

Visitou-nos a *Revista de Lisboa*, relativa ao mês de dezembro pp., trazendo na capa os retratos dos Drs. Oscar Leal e Carneiro, e depois o do Dr. Trindade Coelho, Cândido de Figueiredo, Machado de Assis, João Monteiro, Pedro Pinto.

É digna de ler-se a *Revista* que Oscar Leal mantém e a ela tanto se dedica.

DIÁRIO DO MARANHÃO. São Luís, 16 fev. 1904, a. 35, n. 9.156, p. 2.

#####

REVISTA DE LISBOA

Recebemos pela primeira vez a visita da distinta colega *Revista de Lisboa*, excelente publicação literária que se edita na capital portuguesa.

A *Revista de Lisboa*, de direção do literato Oscar Leal, estampa retratos de escritores e artistas lusitanos e o do nosso patrício Dr. Sélio Boccaneza.

GUTENBERG. Maceió, 29 jan. 1908, a. 28, n. 20, p.2.

#####

REVISTA DE LISBOA

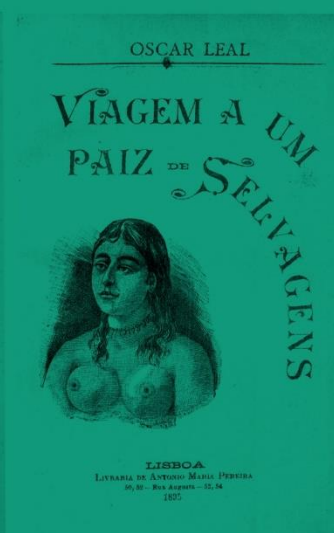
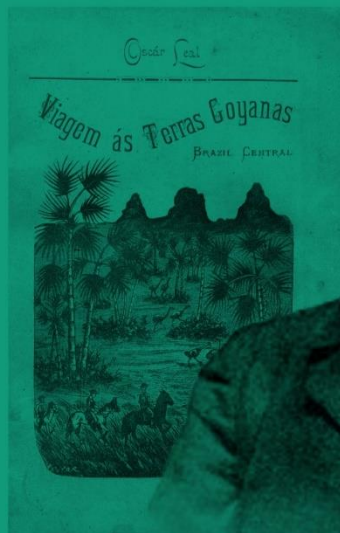
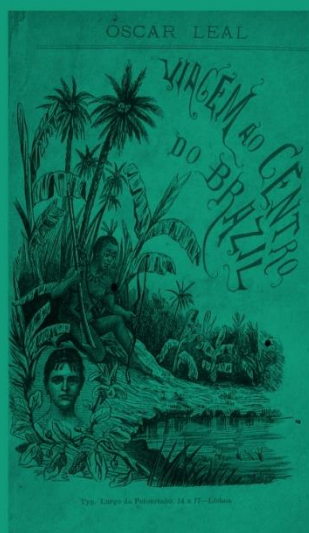
Esse apreciado órgão da academia literária da velha capital, em que colaboram os melhores literatos portugueses, tem à sua direção o conhecido escritor Sr. Oscar Leal, que em várias obras tem deixado a sua impressão sobre as diversas travessias que fez pelo nosso país.

O CACHOEIRANO. Cachoeiro de Itapemirim, 13 fev. 1908, a. 31, n. 7, p. 1.

#####



A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



Coleção Documentos 33

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.